

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**



**AS APARÊNCIAS NOS AREAIS DA RIBANCEIRA: PAISAGENS E NARRATIVAS**

**ALENIR ROSA DE SOUZA**

**ALENIR ROSA DE SOUZA**

**AS APARÊNCIAS NOS AREAIS DA RIBANCEIRA: PAISAGENS E  
NARRATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH, como requisito para obtenção de título de bacharel em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientador:** Prof.Dr. Rafael Victorino Devos

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2018**

**ALENIR ROSA DE SOUZA**

**AS APARÊNCIAS NOS AREAIS DA RIBANCEIRA: PAISAGENS E  
NARRATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Departamento de Antropologia, do Centro  
de Filosofia e Ciências Humanas – CFH,  
como requisito para obtenção de título de  
bacharel em Antropologia pela Universidade  
Federal de Santa Catarina.

**Florianópolis, SC, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Eugênia Dominguez, Coordenadora do Curso de  
Graduação em Antropologia**

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. Dr. Rafael Victorino Devos,  
Universidade Federal de Santa Catarina**

---

**Prof. Dr. Gabriel Coutinho Barbosa,  
Universidade Federal de Santa Catarina**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Mombelli,  
Associação Brasileira de Antropologia**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de algum modo ajudaram na realização deste trabalho, seja direta ou indiretamente. Agradeço aos narradores e as suas histórias de *aparências*, ao butiá, a mandioca, ao areal e ao vento nordeste.

Ao meu filho Augusto Henrique pela paciência e compreensão durante este período e aos meus cães Jean Pierre, Capitu e Alceu pelo companheirismo e atenção.

A Albertina, Ronaldo e João Batista pelas caronas e incentivos. A Olindina por lembrar-se das histórias que a mãe contava e que deu início a este estudo. A Teresa Ribeiro que muito contribuiu para a realização deste trabalho, disposta e sorridente em qualquer momento.

Ao meu professor, orientador e amigo Rafael Victorino Devos, pessoa extraordinária que cruzou o meu caminho durante este processo. Em plenas férias, no calor do verão, cidade lotada de turistas, trânsito caótico com filas intermináveis por todos os lados, atravessou a cidade para orientar na análise e escrita deste trabalho. Agradeço ao seu empenho, dedicação e paciência para comigo.

A professora e amiga Raquel Mombelli pela oportunidade de trabalhar na genealogia dos Arais e assim descobrir minha ancestralidade.

A todos os professores, pelos ensinamentos, pela visão crítica do mundo, pelo esforço e dedicação.

A Josanne Pinheiro pela carona, pela ajuda e motivação. A Marina Bernardes pelos mapas. A Mariana Bunn e Faria pela eficiência, simpatia e paciência no atendimento da coordenação do curso.

Ao grupo CANOA – UFSC pelas sugestões no decorrer da pesquisa.

Aos amigos e amigas que fiz durante o período de graduação.

Aos meus familiares e amigos que torceram por mim, pelo incentivo e inspiração nos momentos duvidosos. Agradeço imensamente a todos!

Para meus pais Antônio e Alori (in memoriam) e

Minha filha Heloísa Aurora (in memoriam).

## RESUMO

O trabalho é composto por três capítulos, onde busco descrever os processos ontogenéticos dos *Areais da Ribanceira*, com o intuito de compreender as relações entre as diferentes práticas realizadas por alguns dos seres habitantes do areal, que criam mundos ao se conectarem. A partir das narrativas orais emergem as histórias das experiências de fazer lugares-mundos, e de habitar esses lugares com histórias de perdas das terras e de lutas por seus direitos, das práticas cotidianas como o extrativismo do *butiá*, da pesca e da fabricação de farinha de mandioca nos engenhos e da interação com as *aparências*.

Palavras-chave: *Areais da Ribanceira*. Lugares-mundos. *Aparências*.

## Abstract

The work consists of three chapters, where try to describe the ontogenetic processes of the *Areais da Ribanceira*, in order to understand the relationships between the different practices made by all the living beings the sand, that create worlds when connecting. From oral narratives stories emerge of experiences of make places-worlds, and to inhabit these places with stories of land loss and struggles for their rights, of everyday practices such as *butiá* extractivism, of fishing and manufacture of manioc flour in the mills and the interaction with *appearances*.

**Key-words:** *Areais da Ribanceira*. Places-worlds. *Appearances*.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Capítulo 1. Os Areais da Ribanceira .....	12
1.1 Genealogia .....	19
1.2 Conflitos Territoriais .....	22
Capítulo 2. As Aparências.....	25
2.1- Pelos caminhos dos Areais .....	477
2.2 - As Narrativas .....	62
Capítulo 3. Os Caminhos e as Práticas .....	64
3.1- Os Caminhos do Butiá.....	64
3.2- O Engenho de Farinha de Mandioca .....	79
3.3- A Pesca .....	99
Considerações Finais.....	108
Referências Bibliográficas.....	110

## Lista das Figuras

Figura 1- Areal Estrondo .....	13
Figura 2-Genealogia dos Areais da Ribanceira.....	21
Figura 3- Seu Pilício e dona Jamília.....	45
Figura 4- Seu Genésio .....	45
Figura 5 - Seu Anilton, Nem da Acordi .....	48
Figura 6- Trilha que interliga o caminho dos Martins com o dos Farias .....	49
Figura 7 a 15 - Seu José Antônio, morador de Nova Brasília .....	52
Figura 16- Muda de butiazeiro ao longo do caminho .....	65
Figura 17- Butiazeiro com espádice floral aberto .....	65
Figura 18- Espádice floral abrindo .....	66
Figura 19- Incêndio ocorrido em setembro de 2017 .....	67
Figura 20- Butiá de inverno .....	68
Figura 21- Outro ângulo do butiazeiro .....	69
Figura 22- Seu Pedro Borges e dona Teresa Ribeiro .....	73
Figura 23- Dona Teresa e seu Alonsio Ribeiro .....	74
Figura 24- Caminho que interliga o caminho dos Martins com o dos Farias.....	77
Figura 25- Preparação do solo para a roça de mandioca .....	79
Figura 26- Rama de mandioca com os "olhinhos" .....	82
Figura 27- Peças do engenho desativado do Seu Santilino, no Arroio .....	83
Figura 28- Carro de boi do seu Santilino.....	84
Figura 29 - Balaios feitos de cipó .....	84
Figura 30- Caminho dos Martins, na Ribanceira .....	85
Figura 31- Ralador .....	86
Figura 32- Esteira que leva para prensa .....	87
Figura 33- Seu Ailton e Dona Irene ao lado da prensa .....	87
Figura 34- Forno .....	88
Figura 35- Maquinário do engenho .....	88
Figura 36- Maquinário do engenho .....	89
Figura 37- Depósito .....	89
Figura 38- Areal Estrondo e o Vento NE.....	93
Figura 39- Mapa de localização dos Areais .....	95
Figura 40- Mapa das empresas em conflito com os Areais da Ribanceira .....	96
Figura 41- Seu Pilício em ação .....	102



## **Lista das Siglas**

ACORDI - Associação Comunitária Rural de Imbituba

APA - Área de Proteção Ambiental

AMPAP - Associação dos Moradores Pescadores da Praia do Porto

CEPAGRO- Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupos

CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

CODISC - Companhia Distrito Industrial Sul Catarinense

ECOH - Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica

ICC - Indústria Carboquímica Catarinense

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LabRural- Laboratório de Estudos do Espaço Rural

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NE - Nordeste

NUER - Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas

RDS - Reserva de Desenvolvimento Sustentável

Resex - Reserva Extrativista

SUDESUL- Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul

**Alenir Rosa de Souza**

**As Aparências nos Areais da Ribanceira: Paisagens e  
Narrativas**

**Florianópolis, Santa Catarina, 2018.**

## Introdução

Ao fazer a disciplina de Mitos, Ritos e Cosmologia, recebi como tarefa escrever sobre algum mito. Ao folhear o livro de Franklin Cascaes: O Fantástico na Ilha de Santa Catarina, para ter alguma ideia, me deparei com uma história sobre as bruxas que se transformavam em borboletas.

Ao ler isso entrei em contato com a minha irmã, dizendo que agora entendia a fobia extrema que nossa falecida mãe tinha de borboletas, qualquer uma, até as bem pequenas. Foi então, que minha irmã Olindina comentou que se lembrava da história da mulher encantada dos Areais da Ribanceira, que nossa mãe contava pra ela, quando pequena, e ainda morando em Imbituba.

Entre em contato com dona Teresa Ribeiro, minha tia, moradora de Nova Brasília, em Imbituba e ela comentou da mesma história e que sabia de algumas pessoas que também conheciam a história do Areal Estrondo e da mulher encantada. Fiz o trabalho sobre esta narrativa oral e a partir daí fui à procura das outras histórias sobre encantados da região dos Areais da Ribanceira, pois acabei escolhendo antecipadamente como tema para o Trabalho de Conclusão do Curso de Antropologia.

Natural de Imbituba vim para Florianópolis muito pequena, e a partir da adolescência só viajava para lá quando algum parente morria. Desta forma, conhecia somente os cemitérios e os acessos a eles, porém ao iniciar as saídas de campo, foi como resgatar as raízes, conhecer lugares, descobrir durante a entrevista que o narrador é seu parente ou que possuem um parente em comum.

Então, à medida que coletava os dados, observava que um novo mundo se mostrava para mim, o mundo do areal, do vento nordeste impiedoso, do respeito ao vento sul, dos engenhos de farinha, do butiá, da mandioca, e das *aparências*, que por sua vez, conectavam todos esses mundos.

As *aparências* são aparições de seres encantados, que são assim chamados pelos moradores dos Areais da Ribanceira. Pode ser qualquer ser encantado, porém os moradores relataram mais casos de boitatás, bruxas e lobisomens.

Meu objetivo não foi fazer uma interpretação mítica desses seres e sim descrever os processos ontogenéticos<sup>1</sup> e as relações entre as diferentes práticas realizadas por todos esses seres habitantes do areal, que criam mundos ao se conectarem.

As narrativas foram a inspiração para a análise antropológica, para a compreensão desses mundos que emergem do encontro de seres díspares, ao mesmo tempo em que apresentavam as categorias nativas sobre os Areais e seus usos. Partindo do conceito de Tim Ingold sobre percepção, com suas malhas e linhas de vida, de Anna Tsing e sua perspectiva etnográfica multiespecífica a partir dos fungos, de Michel de Certeau sobre lugar e espaço, busquei um olhar de estranhamento para estas conexões, para as interações e transformações desse ambiente, que me ajudaram a compreender e respeitar o mundo dos Areais da Ribanceira.

Através das narrativas orais sobre as *aparências* um mundo de perdas de terras e lutas por direitos também se apresentou. As pessoas ao relatarem sobre o ataque ou surgimento das *aparências* citavam os caminhos que trilhavam, os locais onde seus familiares plantavam, pescavam, e como foram destituídos do seu ambiente, do seu espaço, por políticas governamentais desenvolvimentistas. Na luta por seus direitos, criaram a ACORDI (Associação Comunitária Rural de Imbituba) e por meio dessa associação buscam um reconhecimento como Comunidade Tradicional com uso comum da terra.

---

<sup>1</sup> Conforme Cardoso (2016), processos ontogenéticos são lugares-mundo, imanentes e contingentes às relações e aos processos materiais-discursivos, aos encontros indeterminados e aos padrões coordenados de intra-ação ao longo das histórias particulares entre diferentes vidas em movimento.

## 1. Os Areais da Ribanceira

Os Areais da Ribanceira são uma grande faixa de areia, coberta por vegetação de restinga, localizada na parte leste do município de Imbituba, a 90 km da capital do Estado de Santa Catarina. Podemos dizer que as comunidades de Vila Alvorada (Aguada), Vila Nova Alvorada (Divinéia), Vila Esperança (Ribanceira-de-Baixo), Barranceira (Ribanceira-de-Cima), Nova Brasília e Arroio compõem os Areais, sendo que alguns moradores, principalmente no Arroio, chamam o local de Mato-Areal, na parte que tem vegetação e de Areal Estrondo, a parte de dunas. A parte das dunas, sem vegetação é conhecida pelos mais antigos como um lugar encantado onde barulhos, estrondos, ocorrem ao meio-dia, ou à noite. As narrativas que emergem sobre o Areal Estrondo ressaltam a história de uma mulher encantada que aparecia sobre um tipo específico de *combro* (nome dado pelos nativos as dunas), em forma de funil, assustando as pessoas que por ali passavam. Ela entoava um lindo canto, atraindo os pescadores que ao se aproximarem eram engolidos por um buraco que se abria e eles simplesmente desapareciam.

“A minha mãe contava que o pai dela quando saía para pescar na *boca da noite*, passava pelos *combros* da Ribanceira para chegar à barra da Ibraquera, onde o vô voltando da pescaria com o seu balaio de peixe, ai a mãe contava que na volta ele ouvia um canto muito bonito, vindo das areias, que começavam a cantar, por isso que falavam as areias cantantes, e quando virava para olhar o canto vinha de uma mulher muito linda, os homens ficavam encantados com o canto e se aproximavam da mulher, ai quando eles chegavam perto eram puxados para dentro de um buraco e desapareciam. As mães assustavam as crianças desobedientes dizendo: Não fica quieto não, se não eu te levo pras *encantadas*.”

**Olindina Rosa de Souza Lessa, 56 anos, moradora de Florianópolis, natural de Imbituba**



Figura 1- Areal Estrondo Foto: Alenir Souza

De acordo com os moradores, até a década de 70, a economia dessa área se baseava principalmente na pesca e na agricultura de subsistência, além do extrativismo de espécies nativas. A partir desta data, com a implantação da BR-101, o aumento das atividades turísticas, a intensa especulação imobiliária e a instalação do Complexo Industrial de Imbituba, muitos nativos perderam partes de suas terras. E, apesar das diversas mudanças sociais e econômicas, muitos ainda mantêm o seu modo de vida, baseado no trabalho familiar e na cooperação entre vizinhos.

Os Arais da Ribanceira são, portanto, uma comunidade tradicional de agricultores e pescadores artesanais, descendentes de imigrantes açorianos, que vieram para Santa Catarina no século XVIII, com formas específicas do uso da terra, onde ocorrem conflitos até hoje pelo território, envolvendo o Estado e empresas privadas. Mediante a estes problemas a população local criou em 24 de junho de 2002 a ACORDI-Associação Comunitária Rural de Imbituba, buscando participar ativamente dos processos de gestão ambiental pública existente na região, tais como os comitês gestores de unidades de

conservação já instituídos, como a Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca ou as discussões acerca de unidades de conservação em proposta para criação, como é o caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) dos Areais da Ribanceira e a Reserva Extrativista (Resex) da Pesca Artesanal de Imbituba e Garopaba.<sup>2</sup>

A ACORDI está situada na Rua Ailton Floriano, conhecida também como Rua do Lixão, na Ribanceira. Possui mais de trezentos associados e também atua ativamente com outras entidades representativas, como: a AMPAP (Associação dos Moradores Pescadores da Praia do Porto), a Associação da Colônia de Pescadores Z13 do município de Imbituba, o Sindicato Rural e outras organizações não governamentais vinculadas à defesa do meio ambiente, tais quais: SOS Areais da Ribanceira, SOS Praia do Porto, Pescadores da Ibiraquera e Associação Paes Leme.

A ACORDI surge com atividades voltadas ao desenvolvimento sustentável e a organização política e social dos moradores, promovendo ações que assegurem o direito de permanência nas terras dos Areais. A ACORDI tem parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina: Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas (NUER), Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (ECOH), e Laboratório de Estudos do Espaço Rural (LabRural). Também contam com o Ponto de Cultura Engenhos de Farinha, desenvolvido pela ONG CEPAGRO (Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupos), Cáritas Brasileira, MST, CIDASC e com a Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Nos Areais da Ribanceira as formas de uso e ocupação das terras de uso comum, conforme estudo antropológico realizado por Raquel Mombelli para carta social dos Areais da Ribanceira:

“estão diretamente vinculadas às noções de pertencimento local, as formas de plantar e lidar com a natureza, constituída pelas relações específicas com o lugar e, portanto,

---

<sup>2</sup> <http://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR/article/view/273/185>

estão coadunadas com a categoria legal de terra tradicionalmente ocupada. O trabalho familiar combinado com a prática itinerante do cultivo da mandioca e aipim, plantas medicinais, pesca artesanal com a prática extrativista da palmeira butiá, não podem ser interpretadas como simples atividades produtivas. Nesse caso, estão associadas a um sistema de uso comum das terras.” (Mombelli, 2011: p.6 e 7).

As terras de uso comum são uma constante no Brasil do século XIX, tanto entre as populações rurais como em pequenos centros urbanos.

“Sua existência era confirmada através do direito consuetudinário, baseado na tradição, no costume, evidenciando uma prática cujas comunidades há muito praticavam, quanto através de inúmeros documentos, como leis, posturas, decretos, municipais, provinciais ou mesmo imperiais.” (Campos, 2000: p.1).

As transformações econômicas e sociais que o país sofre, leva ao desaparecimento de muitas dessas comunidades. Todavia, algumas se mantêm até hoje, como é o caso dos Areais da Ribanceira. De acordo com Decreto Federal Nº 6.040 de sete de fevereiro de 2000, Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Cabe aqui ressaltar que o termo tradicional não está ligado a imobilidade histórica ou atraso econômico.



“Populações que têm baixo impacto sobre o ambiente, para depois afirmar que são ecologicamente sustentáveis... O que todos esses grupos possuem em comum é o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram. E, acima de tudo, estão dispostos a uma negociação: em troca do controle sobre o território, comprometem-se a prestar serviços ambientais.” (Carneiro da Cunha e Almeida, 2010).<sup>3</sup>

Ou seja, a ideia de tradicional não está ligada a estagnação, e sim a poder e movimento. Em Santa Catarina, as características das terras de uso comum foram analisadas pelo Geógrafo Nazareno José de Campos, nos estudos intitulados: Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina e Terras de Uso Comum no Brasil: um estudo de suas diferentes formas.

“A terra de uso comum tem características associadas a uma terra do povo - uma terra que é de todos. No entanto, não se constitui numa terra pertencente ao povo, no sentido de haver a propriedade coletiva de um grupo, uma comunidade, ou várias comunidades em conjunto. Trata-se do uso comum de determinados espaços por inúmeros proprietários individuais independentes, servindo-lhes como um suplemento, sendo do mesmo modo, utilizado por pessoas ou grupos de não-proprietários. Neste último

---

<sup>3</sup> <https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicionais>.Manuela Carneiro da Cunha e Mauro W. B. Almeida,2010.

caso, contudo, a noção de suplemento desaparece, pois aquela terra passa a ser a única que encontram com condições de usufruir.” (Campos, 2000: p.1)

Segundo esse mesmo autor,

A “Lei de Terras de 1850<sup>4</sup>, que levou à alteração do regime jurídico de terras no país, além de praticamente ignorar as terras de uso comum, as insere nas chamadas terras devolutas, as quais são passíveis de apropriação individual. Considerando que tal Lei serviu de base para leis futuras que tratariam da questão da terra em nível nacional, provincial, estadual ou mesmo municipal, muitas das terras de uso comum espalhadas pelo país passaram a sofrer forte processo especulativo e de interesses individuais, inclusive, da parte de alguns de seus usuários.” (Campos, 2000: p. 2)

Para Campos, independente de qualquer regime jurídico, o “direito de uso comum” relaciona-se diretamente com o direito consuetudinário, que é o direito que surge dos costumes de um grupo, não passando por um processo formal de leis, e sim baseado em um conjunto de normas que não estão escritas e que são repassadas de geração em geração através da memória coletiva, como reconhecem muitos documentos e determinações jurídicas, demonstrando assim haver uma estreita relação entre costume, lei e direito de uso comum.

Neste trabalho pretendo mostrar como as narrativas orais, relacionadas ao Mato-Areal e ao Areal Estrondo permitem perceber um conhecimento compartilhado por estes moradores a respeito desses ambientes, como parte

---

<sup>4</sup> Lei n. 601 de 18 de setembro de 1850 que dispõe sobre as terras devolutas do Império.

deste sistema de uso comum da terra, como parte também de seus caminhos e maneiras de habitar e compartilhar o lugar com outros seres e forças, seja o butiá, a mandioca, o vento, a areia ou as *aparências*.

Nos caminhos da comunidade, emergem diversas narrativas sobre essas *aparências*, nome dado pelos moradores aos seres encantados que habitam o local. Minha tia, casada com o irmão da minha mãe, comentou que conhecia muitas pessoas para contar essas histórias de *aparências* e me apresentou a alguma delas. E sempre que eu falava com alguém, este já indicava outra pessoa que também conhecia as histórias. E assim fui formando a minha rede de narradores. Um fato que me chamou bastante atenção foi que ao chegar às casas das pessoas, a recepção mudava quando eu dizia de quem era filha ou neta, e que morava em Florianópolis desde pequena, mas assim como meus pais, era de Imbituba e que a família da minha mãe era do Arroio. As pessoas já iam logo buscando algum parentesco e às vezes, acabávamos por encontrar um parente em comum. Este fato deixava a conversa mais tranquila e as pessoas ficavam mais a vontade para falar, e um método que usei foi partilhar as histórias já narradas para os novos narradores, eles chegavam a comentar sobre os relatos dos conhecidos, dizendo que se lembravam de tal fato ou que algum familiar passou também por experiência semelhante. Outro ponto interessante é que ao conversar com alguém da família, os outros membros também queriam participar e contar suas lembranças e experiências com as *aparências*.

## 1.1 Genealogia

Entrei em contato com a professora Raquel Mombelli e conversei com ela sobre o meu trabalho de conclusão de curso e que havia lido alguns dos seus trabalhos, como a carta social dos Areais das Ribanceiras, de 2011. Ela me convidou para irmos a uma reunião da ACORDI e também participar da XIV Feira da Mandioca, organizada pela ACORDI.

Convite aceito passei a ser voluntária em seu mais novo projeto de pesquisa e recebi como tarefa organizar a genealogia da comunidade dos Areais, pois os dados estavam todos 'soltos', e o que chamou minha atenção foi encontrar os nomes dos irmãos do meu avô materno em um dos mapas de ocupação do território. Não me contive de ansiedade e consegui deixar os dados em ordem, foi como resolver um grande quebra-cabeça, buscando sempre a lógica. Foi muito prazeroso, pois encontrei os nomes dos narradores, de vários parentes e fui a campo em busca de dados que faltavam. Conversei com seu Pilício, que deu detalhes do seu parentesco, ao mesmo tempo em que organizava problemas referentes aos nomes de tios e irmãos na sua genealogia. Seu Anilton da ACORDI também ajudou a desvendar um grande nó, pois na sua família encontramos dois irmãos casados com duas irmãs e que deram o mesmo apelidado para um dos filhos. Também conversei com dona Irene, casada com seu Aílton (possui um engenho de farinha em funcionamento), que ajudou bastante dando nomes e sobrenomes. A filha do seu Santilino, Léia, dona Teresa Ribeiro e outros entrevistados também contribuíram. No Arroio, os nomes de várias ruas foram dados em homenagens a algumas pessoas citadas na genealogia, como por exemplo, a rua que seu Santilino mora é em homenagem a sua mãe. O mais interessante é que as famílias estão unidas, todos em algum momento se interligam, o que caracteriza a comunidade dos Areais como uma comunidade tradicional<sup>5</sup> e por um lado também justifica o sistema de uso comum da terra, uma vez que ao ceder a terra para outrem plantar, em algum momento da genealogia tinham algum grau de parentesco. Aqui podemos citar Lévi-Strauss (1976), onde o

---

<sup>5</sup> Na comunidade, o projeto Nova Cartografia iniciou em marco de 2010, através do NUER - Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas, do Departamento de Antropologia e do Laboratório de Estudos do Espaço Rural do Departamento de Geociências da UFSC.

parentesco é visto como uma forma de aliança baseada na troca. A troca constitui a essência para as regras de casamento entre os grupos e famílias. Portanto, a forma de alianças entre os moradores é realizada de modo a reproduzir social e cultural o sistema de uso comum da terra.

Outro fato interessante é a mudança de sobrenome, alguns filhos ficam com o primeiro nome do pai como sobrenome. Observei também que quando a mulher morre no parto, os familiares cuidam da criança, normalmente as avós, e em um caso excepcional, as crianças órfãs foram acolhidas por diferentes tios. É possível notar o casamento entre primos irmãos.

Observamos também que o casal coloca nos filhos do sexo masculino, o nome do pai como segundo nome e nos filhos do sexo feminino, o nome da mãe como segundo nome. Acredito que esta particularidade configura a vida em comunidade, onde a pessoa firma a sua filiação ao se apresentar.

Segundo seu Pilício, seu avô, Joaquim Francisco Martins, morador da Penha de Paulo Lopes, comprou terras para seus quatro filhos homens na Ribanceira, Estevão Martins, Francisco Martins (pai do seu Pilício), João Martins e Manoel Martins e a partir da análise dos casamentos desses irmãos com outros troncos familiares, como Borges, Monteiro, Rosa, Crescêncio, Caetano, Vieira, Gonçalves, teremos as primeiras gerações de ocupação dos Areais.

Ivo Estevão Martins, filho de Estevão Martins, casa-se com minha tia avó, "Siloca", irmã da minha avó materna, Aurora Custódia da Rosa, naturais do Arroio. Nicodemus Martins, neto de Estevão Martins, casa-se com Maura, minha tia, irmã de minha mãe. Eles possuíam engenho de farinha e plantavam nos Areais. Basileu Juvêncio Monteiro, irmão do meu avô materno, Bento Juvêncio Isidio, casa-se com Olindina Maria Monteiro, são os pais de Santilino Basileu da Rosa, sendo que o Rosa do sobrenome dele vem do avô materno, Hipólito Soares da Rosa, já os demais filhos, receberam o sobrenome Monteiro. No caso de meu avô, como comentei acima, o sobrenome Isidio é o nome de seu avô, Isidio Monteiro, os demais irmãos receberam o sobrenome Monteiro. Como se pode observar, ao fazer a genealogia acabei me encontrando dentro da comunidade. Pretendo num futuro próximo dar

continuidade a este trabalho, tentando eliminar algumas dúvidas que ainda persistem.

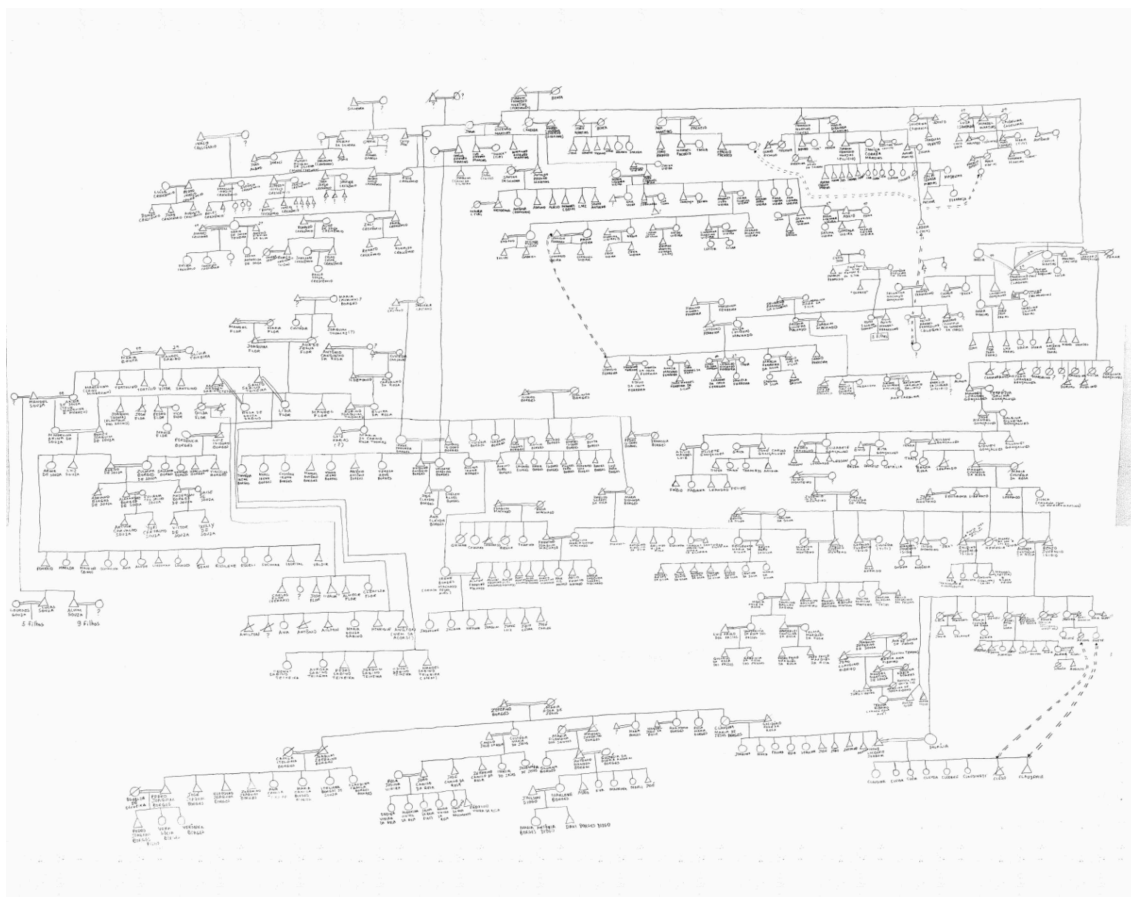


Figura 2-Genealogia dos Areas da Ribanceira – Elaborado por Alenir Souza<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Ver imagem ampliada em anexos

## 1.2 Conflitos Territoriais

Em relação à questão das terras, a comunidade vem sofrendo ao longo dos anos, com a desapropriação de áreas para a criação e implementação de projetos de desenvolvimento com foco no crescimento econômico por parte do Estado, que não leva em consideração os interesses da comunidade, desrespeitando o modo como vivem, como plantam e lidam com a natureza, e, sobretudo no que diz respeito ao significado da terra para esses moradores.

Segundo Barbosa (2011), o governo do Estado de Santa Catarina determinou a implantação do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Imbituba, através da SUDESUL- Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul. Este plano fazia parte de um projeto de ampliação do complexo carbonífero de Santa Catarina, que através de instalação de indústrias se propunham a aproveitar os resíduos provenientes do beneficiamento do carvão. A cidade de Imbituba foi escolhida por ter um porto (porto Henrique Lage) e uma malha ferroviária (Estrada de ferro Teresa Cristina), que interligava a cidade à região carbonífera.

O governo do Estado criou em 1975 a CODISC, (Companhia Distrito Industrial Sul Catarinense), que passa a ser responsável pela implantação da área industrial e por efetuar as desapropriações da área destinada à instalação das indústrias.

Apenas uma indústria foi instalada, a Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) e funcionou num curto período de 1979-1992, e os moradores voltaram a ocupar as suas terras para cultivo. No ano 2000, a ICC passa a pertencer à empresa Petrobrás Gás, que sem licitação vende a ICC e “suas terras” para a Engessul Indústria e Comércio Ltda., empresa privada de Imbituba. Essas ações jurídicas irregulares privatizam as terras coletivas, reduzem as áreas de cultivo de mandioca e impedem o acesso aos recursos naturais locais. Desde então, a comunidade vem sofrendo com a perda de seus

direitos de trabalhar na terra, com a destruição de suas casas, roças e engenhos.

“... Essas terras foram vendidas, sem licitação pública, a preço de banana, R\$ 0,10 metro quadrado em cem vezes. Por esse preço, os próprios agricultores poderiam ter comprado. Depois, em 2004, outra parte, desta vez as encostas da praia D'Água e Imbituba, como também terras na BR-101, também foram vendidas. Em 2010, venderam outra parte, a que diziam pertencer ao Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) para empresários italianos colocarem gado e também para Santos Brasil. Fizemos várias denúncias, abrimos processos para impedir as vendas... Mostramos as irregularidades... Tivemos comprometimentos de políticos e outras autoridades, mas até hoje não conseguimos muita coisa.” **Marlene Borges, fundadora e primeira presidente da ACORDI.**

Em 2003, durante a primeira Feira da Mandioca, evento promovido pela ACORDI e onde os agricultores expõem seus produtos, teve início as discussões sobre tornar a área dos Areais da Ribanceira uma Unidade de Conservação de uso sustentável do tipo Reserva de Desenvolvimento Sustentável e em 2005 o projeto tramitou no Ministério do Meio Ambiente, sob o número 02001.002582/2006-88. Em 2009 iniciaram discussões para transformar a região em assentamento rural junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O resultado do laudo antropológico deve sair este ano.

“Vale ressaltar que entre a comunidade o valor dessas terras está no seu uso e por isso a aquisição de um pedaço de terra não se dá por meio de compra e venda, mas sim por meio de acordos. As cercas não fazem parte da cultura dessa comunidade, para eles a terra é de quem planta e isso basta para se respeitar os limites de cada roça. A noção da



terra como um bem natural de uso comum é o que possibilita esse tipo de relação.”  
(Barbosa, 2011: p.89)

Nas conversas que tive com os moradores e nas narrativas registradas, a perda das terras e do acesso aos caminhos é marcante na vida dessas pessoas. Igualmente marcantes, as *aparências* que surgem nas suas narrativas revelam itinerários entre as terras de uso comum, os espaços domésticos e os *combros*, praias e caminhos do areal.

## 2. As Aparências

Neste capítulo apresento uma análise etnográfica sobre os seres encantados, chamados pelos moradores de *aparências*, e estão relacionadas com as práticas do dia a dia desses habitantes. As histórias de bruxas, boitatás, lobisomens também ocorrem em outras comunidades do Brasil<sup>7</sup>, e foram estudadas em relação a outros aspectos da vida social, mas, nesse caso, o que destaco é o fato de que estão ligadas ao ambiente, ao areal, às praias, à retirada do butiá, à pesca.

No final do mês de março de 2015, viajei até Imbituba, para encontrar com Dona Teresa, que me levaria na casa de duas senhoras, moradoras do Mirim, um bairro vizinho a Nova Brasília. As duas senhoras moram sozinhas, numa casa recém construída. É uma casa de madeira, com varanda, um quintal com árvores frutíferas e muitas flores. Um ambiente gostoso e acolhedor. Porém, ao citar o que pretendia com o meu trabalho, a dona Itelvina Borges, disse que a irmã era doente e seria somente ela que falaria, mas que não queria ser filmada ou ter sua voz gravada e me pareceu irritada. Eu havia comprado uns quitutes numa padaria para um lanche e ela comentou que era diabética. Fiquei sem jeito quando ela convidou pra entrar, sua irmã dormia no quarto ao lado, fazendo a sesta da tarde. Dona Teresa falou de quem eu era filha, ela disse que lembrava vagamente e ficou um pouco mais descontraída. A conversa tomou um rumo tranquilo, Dona Itelvina contou várias histórias e eu fiquei mais à vontade.

“Nos íamos de pé, do Sambaqui para o centro de Imbituba pelo areal. Dizem que lá aparecia moças muito bonitas, que cantavam. E uma vez, meu irmão Dorico ouviu uma mulher que cantava muito bem, mas ele ficou com medo e não foi ver de perto, porque ele sabia que não tinha ninguém lá. Ele não foi, porque se fosse,

---

<sup>7</sup> Como o trabalho de Angelita Soares Ribeiro: *Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos-Colônia Z3, Pelotas: etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas*. Universidade de Pelotas, RS, 2012. Ou o de Ney Clara de Lima, intitulado como *Narrativas Oraís: Uma Poética da vida Social* - Ed. UnB, Brasília, 2003.

ele podia desaparecer. Lá tinha um *forno* quente, um buraco encantado, onde as pessoas desapareciam. Ocorria um *estrondo* no meio do areal.”

**Itelvina Borges de Souza, 85 anos, moradora do Mirim em Imbituba.**

Após a conversa ela colocou a mesa do café e saboreamos os quitutes que levei e também pães que dona Itelvina havia feito. E surpresa! Pediu para tirar uma foto abraçada comigo, mas que não era para o trabalho. Foto feita me comprometi de levar lá. E no caminho para o ponto de ônibus fiquei pensando na atitude de dona Itelvina. No primeiro momento se mostrou ríspida e sem vontade de falar e no final quis ser fotografada e me abraçar. Talvez no começo, eu era uma estranha, representando uma instituição, e quando tudo acabou a visita se torna social...

Voltei no mês seguinte, novamente a convite de dona Teresa, para ir à casa do seu José Antônio. No caminho encontrei seu Osmar Isidio, que contou algumas histórias sobre parentes *embruxados* e da mulher encantada. Como estávamos no meio da rua, a conversa foi rápida. Combinei com ele que iria até a sua casa fazer uma visita e andar pelos *combros* de areia e que agora estava indo para casa do seu José Antônio.

Chegamos à casa do seu Zé, como gosta de ser chamado e perguntei se podíamos fotografar. Ele mostrou-se um pouco nervoso no início da conversa, e quando fui lhe explicar como seria a filmagem e as fotos, foi logo me alertando, que já havia participado de um programa de televisão em Florianópolis - Programa César Souza. Seu Zé gosta de contar os causos da região, em especial os que envolvem as *aparências*, passamos uma tarde de sábado agradável ouvindo histórias incríveis, apesar do vento NE, que soprava impiedoso.

“O lobisomem pode ser um cachorro, um cabrito, um cavalo e até um boi, isso é possível. Um terneiro pequeno. Uma vez, um cavalo apareceu por aqui à noite. Por aqui, até no portão. O Jade até hoje não esquece isso aí. Mas como cavalo, cara? Não tem cavalo aqui? Então é lobisomem, é lobisomem... Não vi se transformar pra mim, mas passou uma, duas, três

vezes aqui. Um cavalo correndo, e agora... *Pracatá, pracatá...* Na corrida. Apavora ó... Era uma hora da manhã, isso perto de casa. Deve ter alguém por aqui que é lobisomem.” **José Antônio Inácio, 60 anos, morador de Nova Brasília em Imbituba.**

Semanas depois, fui me encontrar com Seu Osmar, como havíamos combinado de ir conhecer o areal. Levei junto meu filho. Nossa carona nos deixou no trevo de Nova Brasília, um bairro ao lado da BR-101. São 11h30min, ligo para Sílvia, filha de Osmar. Ela convida para almoçarmos na casa de sua mãe, onde nos aguarda. Nova Brasília é um bairro bem estruturado, com supermercados, lojas, posto de gasolina, cartório, verdureiros, bares e restaurantes. Aproveito para comprar um frango assado e suco para não chegar de mãos abanando na casa da mãe de Sílvia.

O vento NE assola a região, jogando areia pra todo lado. Chego a uma praça com uma igreja, muito bonita, talvez do final do século XIX e início do XX. Ligo novamente para Sílvia, que diz: \_ *“Tás na praça? Agora é só quebrar a direita e ir reto toda a vida.”*

Era o que eu temia, quando alguém diz *“segue reto toda a vida”* é porque é longe. Peço para meu filho Augusto, de 10 anos, colocar o capuz e fechar o casaco, faz frio. Mais três ou quatro ligações depois (quebra à direita, à esquerda. Têm uma casa rosa na esquina, não entra nessa rua, continua reto...). Alguns minutos depois chegamos à casa da mãe de Sílvia.

É uma casa recém-construída, pequena, mas bonita, e muito bem cuidada, com algumas árvores frutíferas, tais como: gabirola, araçá, bergamota e até um pé de laranja-umbigo do vizinho que se inclinou sobre o muro. Tem um jardim, pequeno e bem cuidado, e uma pequena horta. Observo que ao longo do muro tem algo branco, circundando todo o perímetro do imóvel. Pergunto o que é aquilo, e Sílvia diz que é um rejeito da fábrica de sal do outro lado da BR, pois toda a região está infestada de caramujo africano, e mesmo com o sal eles ainda aparecem.

Após o almoço, Sílvia nos levou até a casa de seu pai (seus pais são separados), na praia da Ribanceira. A praia é uma vila de pescadores com várias placas avisando os surfistas sobre a pesca da tainha<sup>8</sup>. Notei que a areia da praia é úmida, mesmo longe da linha da maré, e de acordo com Sílvia são olhos d'água que afloram perto da orla, o que talvez ocorra pela proximidade com a barra da lagoa da Ibiraquera, segundo ela. Comenta também que é por isso que as pessoas atravessam para a praia dos Amores, antigamente chamada de Prainha, que apesar de pequena, possui a areia seca e águas bem calmas e muito transparentes. Com a água na cintura é possível ver o fundo.

Bom, estamos na praia porque ao passarmos na casa do pai de Sílvia, não o encontramos. Perguntamos para alguns pescadores, fomos até um bar e nada. Resolvemos tentar mais uma vez na casa dele. Após telefonarmos, chamar e bater palmas, o filho de Sílvia, Davi, de 11 anos, resolve escalar o portão, e para surpresa nossa, seu Osmar aparece na porta, após as insistentes batidas do neto. Disse que estava com a casa fechada por causa do vento, algo que já havia notado em todas as casas da região.

Seu Osmar coloca um casaco pesado, fechado até o pescoço, com uma boina tipo italiana e um óculos escuros espelhados, que ficam coloridos na claridade, a calça estava dobrada até o tornozelo e ele estava descalço. Saímos em direção ao areal, as crianças correndo na frente, levando uma prancha de *sandboard*, vão surfar nas dunas.

Ao virarmos em uma rua, o vento NE nos atinge de jeito, chega a cantar nos nossos ouvidos, o areal está no fim dela. A subida era bem íngreme, a areia estava fria e úmida, pelos lados havia vegetação com predomínio de butiás e outras árvores e arbustos de pequeno porte. As crianças já haviam subido seu Osmar também, só eu e Sílvia que empacávamos. Seu Osmar gritava para subirmos em ziguezague. Eu não queria tirar o calçado, mas fui obrigada, arregacei a calça até o joelho, como fez seu Osmar, coloquei a

---

<sup>8</sup> Na temporada de pesca da tainha, nos meses de maio a julho, a atividade de pesca com rede de cerco tem preferência com relação aos esportes náuticos, no uso de algumas praias, conforme regulamentação municipal, em várias cidades do litoral catarinense.

máquina fotográfica dentro do tênis e fui imitada por Sílvia, e assim com areia fria e fofa até a canela conseguimos subir.

Quando chegamos lá em cima, Sílvia foi ao encontro das crianças, e observei que seu Osmar abaixou a boina, protegendo as orelhas, na verdade ele estava bem equipado, protegido da areia e do vento.

As dunas da Ribanceira são as maiores de Santa Catarina, podendo chegar a mais de 50 metros de altura, e o lugar é realmente lindo, de uma beleza incrível, parece uma pintura... O amarelo da areia margeado pelo verde da vegetação, como uma renda... Até as casas que não deixam o areal beijar o mar, dão um toque bucólico à paisagem. Olhando para a direita e ao longe, tinha um caminho circundando uma elevação... Seu Osmar pediu para segui-lo, que devíamos andar sempre pelo topo da duna, assim o vento só jogava a areia em nossos pés. Ele começou a apontar no horizonte, até onde iam os terrenos de seu pai e tios. Conta que pessoas de fora apareceram com documentos e tiraram às terras dele, ele não sabe ao certo. Eles saíram dali e foram morar no Arroio, num terreno pequeno que mal dava para plantar. Até o engenho de farinha eles perderam. Ele não sabe dizer a época certa, mas lembra que foi muito triste.

Pergunto sobre a mulher encantada que assombra o areal, e ele aponta para um tipo específico de duna, dizendo que ela sempre aparece nessas dunas. Parece uma duna de *barlavento*.<sup>9</sup> Ele diz que:

“È sempre assim, ela fica lá no alto cantando para os pescadores, que são atraídos pela voz suave e doce e quando chegam embaixo da duna, são tragados para dentro de um buraco, se escuta um estrondo e então desaparecem. Algumas pessoas conseguem voltar, depois de sete anos, cobertas de ouro, e contam maravilhas lá de baixo... Isso tudo era o pessoal de antigamente que contava, meu pai contava muito essas histórias, se é verdade a gente não sabe, né, diz ele.”

**Osmar Isidio, 64 anos, morador da Ribanceira, em Imbituba.**

---

<sup>9</sup> É a parte da duna que recebe o vento. A parte protegida do vento é chamada de sotavento, e é bem mais íngreme.

Pergunto sobre o boitatá, e ele diz que uma vez, quando vinha de um baile viu um facho de luz no areal. Fiquei aguardando e ele não falou mais nada. Resolvi perguntar sobre os carros de bois, se eles passavam pelos vales entre as dunas. Ele riu e perguntou se já havia visto um carro de boi, digo que sim, quando criança. Ele ri de novo, como se isto justificasse minha ignorância.

Comenta que os carros circulavam o areal, que até hoje há vários desses caminhos, quando as pessoas vinham com os carros de bois buscarem palha de butiá para entregar no centro de Imbituba para fazer colchão. Os butiazeiros ficavam bonitos com a retirada das palhas, mas agora as pessoas só vêm pegar o fruto, e eles não crescem muito.

Sílvia chega ao nosso encontro e comenta que no município de Laguna, o butiá virou patrimônio, e é protegido por lei. Volto a perguntar sobre o boitatá e ele diz que o bicho gosta de aparecer na *chuva miúda*. O boitatá nasce quando uma comadre casa com um compadre. Por isso que, às vezes, aparecem duas luzes. Dizem que quando apaga, já está bem em cima da gente. Ele diz que vinha de um baile, à noite, pelo areal e viu dois fogos, *fisqueiros...* Vinham na sua direção. Ele se escondeu na mata e começou a rezar e depois ficou bem quieto. O boitatá não conseguiu vê-lo e se afastou, mas ele ficou com medo de encontrá-lo novamente mais a frente e resolveu dormir no mato. No outro dia o encontraram, dormindo no meio dos butiazeiros.

Noto que já é tarde, o céu nublado não deixou perceber. Resolvo perguntar sobre o vento NE, para ver se ele tem a mesma concepção do seu Zé. Digo que o vento NE é um vento chato, que não limpa o céu, assim como o vento sul... Não, diz ele, o vento sul quase sempre limpa o céu, mas não pode chamar de chato, pois senão ele vem forte e faz *avaria*, não se xinga o vento sul, ele é um vento bom, que traz a tainha...

Na volta para casa, combino com seu Osmar de fazermos os caminhos dos carros de bois, ele concorda, e diz que é só marcar, mas tenho que chegar mais cedo, pela manhã. Fica combinado e entre vento, areia e abraços nos despedimos.

A percepção por parte dos moradores a respeito das aparições ocorre por sinais percebidos, como um barulho, um canto ou pelo *avistamento*. O mundo dos Areais é um mundo onde todos os mundos ocorrem materialmente, onde as ontologias se mostram instáveis, mudando da ordem do visto e do não visto. A prática de andar pelos areais requer *negociar* com as *aparências*, não basta somente se esconder ou fugir, é preciso fazer uma oração ou atravessar uma faca em cruz na boca para não ser atacado pelo boitatá.

Em um feriado de páscoa, de 2016, fui até Imituba para ouvir as histórias do Sr. Santilino, foi tudo agendado previamente por dona Teresa Ribeiro. Saí de Florianópolis e fui até a praia do Porto em Imituba encontrar com o senhor João Batista que iria me levar até o Arroio, bairro em que mora o seu Santilino. A estradinha que leva até a casa é meio bucólica, de chão batido e com poucas casas ao longo do percurso, a vegetação é típica de restinga, com arbustos, pequenas árvores, muitas gramíneas e é claro, pés de butiá aqui e acolá.

Batista (ele prefere ser chamado assim) entra numa estrada secundária que termina em algumas casas no fim da rua, um senhor vem conversar conosco e diz que estamos na rua errada, é um pouco mais pra frente, começo há ficar um pouco ansiosa. Alguns minutos depois, encontramos outra ruazinha secundária que também termina com casas, ambas são sem saída. Um senhor aparece nos observa e entra em uma das casas... Logo depois surge uma mulher... Explicado o motivo, ela diz que a casa do seu Santilino é a do lado, ele é seu pai e não está em casa... Ansiedade dispara... Podemos esperar por ele, que saiu de moto, talvez demore... Fico preocupada e triste, o dia começa a chorar no meu lugar e cai uma chuarada, ficamos no carro...

Passado a chuva, vamos até a varanda da casa de seu Santilino, são 09h15min da manhã, sua esposa fala lá de dentro que ele foi comprar um pão especial, num mercado perto da BR-101. A filha aparece de novo, dizendo que a mãe é doente e possui limitações de locomoção, conversa um pouco conosco e volta para sua casa. Notando a minha tristeza, Batista começa a contar piadas, o que me anima um pouco. Algum tempo depois surge um



senhor em uma motocicleta, e era o Seu Santilino, com um grande pão em uma sacola plástica transparente... Convidou-nos para entrar, alegando que dona Teresa marcou nosso encontro para as 15h00min e não 09h00min.

Seu Santilino é um homem miúdo, magro e baixinho, com olhos claros apertados e que gosta de contar histórias. Ele nos contou que perderam grande parte de suas terras, que viraram área de preservação e que até hoje não foram indenizados.

“Uma vez, meu falecido pai ficou muito doente, emagreceu muito, e não tinha forças. Era eu e meu irmão, o verão quase todo, nós cortávamos lá nesse terreno que nós tínhamos a palha de butiá e trazia pra cá e era secado as palhas e depois feito pacotes. E meu falecido pai levava lá pro Mirim. A palha era boa e quem comprava era o falecido Zé. Ele tinha uma “coisa” que fazia tudo em fardos e levava pra fora.

Tu vê, a Custódia Rosa, tu sabes quem é, é a mãe da mulher do tio Bento, da tia Aurora. Ela forneava farinha pra nós ali em casa. Nós “desmanchava” a mandioca, fazia “balsa”, ela forneava sempre pra nós.

Interrompo a história e digo que Bento e Aurora são os nomes dos meus avôs. Ele diz que agora sabe quem eu sou que ele é meu tio, primo da minha mãe, que a dona Custódia é minha bisavó. Passado o efeito surpresa, ele continua a história.

Aí ela sempre trazia uma faca, eu digo:

\_ Ó tia Custódia... (a gente chamava de tia porque a gente mais velha, a gente chamava tudo de tio), pra quê isso?

Ela disse: \_ Quando o boitatá vir, a gente atravessa a faca na boca, e o boitatá não chega. Ela contava essa história pra nós.” **Santilino Basileu da Rosa, 78 anos, morador do Arroio em Imbituba.**

A conversa segue com várias histórias e a esposa do seu Santilino, dona Maria José, fala da cozinha, que no Sambaqui, outro bairro, tinha muito boitatá. Seu Santilino a convida para contar a história conosco na sala. Eles contam várias histórias e a conversa segue com um completando com detalhes a narrativa do outro.

A filha do casal chega e resolvemos ir embora, mas antes seu Santilino quer nos mostrar a propriedade, o engenho desativado e o pé de “anozeiro” de mais de cem anos. Dona Zezé não nós acompanha, pois tem dificuldades em caminhar e fica na porta. Acho que ela ficou triste com o fim da conversa abruptamente. Após o passeio pela vizinhança nos despedimos e vamos para Campo D’una, conversar com seu Eládio, dizem que é um bom contador de histórias. Foi sua sobrinha em Florianópolis, quem indicou. E a informação onde morava era meio vaga, mas felizmente ele é bem conhecido e foi fácil chegar a sua casa. Como ele já tinha sido avisado pela sobrinha, estava nos esperando. Aparentemente irritado por nossa demora, e já foi avisando que depois do almoço tinha compromisso.

O Batista ficou sentado num banco no quintal e a esposa de seu Eládio foi lhe fazer companhia. Quanto a mim, expliquei rapidamente o que pretendia e na cozinha da casa, um ambiente amplo e bem equipado, com vários aparelhos eletrodomésticos de última geração, seu Eládio começa a falar que ele estudou em um seminário, que iria ser padre, mas que desistiu quando chegou à parte da filosofia.

“O morro que ronca, os antigos proibiam os mais jovens, de determinada hora do dia, entre 11 e 12 h, ficar no topo dele, na parte côncava, aonde ele, nesse período, costumava soltar... Deve ser uma forma de gás embaixo dele, então a areia, submergia, ia pro fundo, e ele, fazia aquele ruído. Diziam que era um ronco... O *combro* que ronca.

Interrompo perguntando: \_ É um *combro* de areia, uma duna?

Sim, é morro, porque é uma duna bem alta. É aqui perto, quem vai pro Siriú... Então ali, muitas pessoas, dizem que se você estivesse na beira na hora que ele *roncava*, você "*surucava*" e sumia debaixo dele. Realmente, tinha um princípio fundamental nisso aí, porque quando os antigos falavam, porque quando ele soltava o ar, roncava, a areia descia como se fosse fazendo um ziguezague, vindo e voltando. Aí dava aquela chupada, ele soltava, a areia entrava e ele soprava pra fora. Então isso aí é o ronco. Isso contava meu pai, meus avós, meus tios. É um *combro que ronca*, ele tinha esse processo de jogar, de soprar areia... Nesse sopro, quando a areia descia... Hoje eu não tenho mais notícia, fizeram muitas casas ao redor. Ele está intacto... Apenas a parte, virada meio leste e meio sul, e que o pessoal, a erosão, o vento bate nele e ele avança pela estrada. Já fizeram contenção, já tiraram areia, teve problemas com a justiça, porque não pode mexer nele. Ele hoje é um patrimônio protegido pela APA (Área de Preservação Ambiental), não pode tirar areia. Mas, o pessoal desce ele com aquelas pranchinhas... A gurizada ama aquilo ali. Ele tem uma extensão, daqui da estrada, acho que mais de um quilômetro até a praia, só duna. É muito bonito. Essa é a história deles ali. A gente se criou ouvindo isso aí, a gente ia perto dele, subia, por dentro do mato, chegava lá, mas nunca chegava na beirada, tínhamos medo. Ele era côncavo. Ele tinha essa parte aqui, aqui que ele soltava o ar. A gente conclui que era verdadeira, porque pra existir essa parte sempre côncava, como se fosse um funil, o ar tinha que sair por ali pra ele puxar e fazer esse funil."

A conversa segue solta e gostosa, seu Eládio conta inúmeras histórias e como já passava do meio dia e achei melhor terminar a conversa, pois o Batista já estava na porta da cozinha esperando para ir embora. Quando me levantei, seu Eládio disse que tinha mais uma história.

Temos o caminho do rei. O caminho do rei era um caminho que faziam uma carreta com os ouros, aquela coisa toda quando vai. O caminho ia da praia do Silveira, atravessa aqui pelo costão da Cobra, vem embora, passa aqui na Barra e desce no Rosa. Nesse trecho aqui atrás de casa, na praia da Barra, eles enterraram objetos de ouro. Foram descobertos e levaram pessoas com equipamentos detectaram e levaram. Na praia da... No costão da Garopaba, tem a pedra chamada Galeão e tinha uma escrita nela. Nunca desapareceu, veio um padre. Padre Carlos, veio para Garopaba e chegou lá, a escrita era em latim, ele decifrou a escrita. Voltou à noite no local, retirou tudo que tinha ali, levou, abandonou a batina e casou. Ele levou objetos de ouro e o letreiro da pedra sumiu. Nunca desapareceu, ele é um paredão de pedra... Quando ele levou o tesouro, abandonou a batina e casou, o letreiro sumiu. O tesouro estava interligado ao que estava escrito. Ele é um paredão, no meio dele tem água, os galeões espanhóis aportavam aqui perto, então eles desciam. Quem escreveu, escreveu em latim, e eles enterraram alguma coisa, algum ouro, ninguém conseguia decifrar, e na época, padre estudava latim e ele decifrou. E foi o falecido Dedé que disse que ele veio ali, tirou, depois abandonou a batina e casou. Ele conseguiu alguma coisa valiosa.

Na história do caminho do rei, que pega lá no Silveira, aquela botou muita gente pra correr. Você entrava nele, e quando chegava bem no meio do mato, o mato tapa o caminho, quando você menos esperava, aquela mão cheia de areão vinha na sua cabeça, dava aquela *saraivada*, duas, três vezes. Jogavam areão, quem era ninguém sabia. Ou subindo ou descendo, pernas pra que ti quero, ninguém parava ali. Isso aconteceu com muita gente também". **Eládio Bento dos Santos , 64 anos, morador de Campo D"una, em Garopaba.**

Despedimo-nos e ficou combinado que voltaria para fazermos o caminho do rei e do combro que ronca.

No mês seguinte, já no final do mês de abril, retorno à Imbituba, dessa vez vou à Ribanceira falar com Seu Tetê, que tem um bar, cujo nome é *Tomei Café Agora*. Foi fácil de encontrar, mas Seu Tetê não quis conversar, disse que não sabia história nenhuma e quem podia falar era o seu Manoel, que morava mais a frente. Encontro seu Manoel sentado em um banco na calçada, do lado de fora da cerca, embaixo de uma árvore. Explico para ele o que pretendo e ele disse que sabe algumas histórias e que posso gravar. Sento no banco ao lado dele, e tive que chegar mais perto porque o vento e o barulho dos carros dificultavam a conversa. Ele mora perto do areal.

“Eu me lembro que quando a gente chegava lá no areal, batiam tambor, o galo cantava e naquela época, eu andava muito pelo *mato-areal* e via muito barulho de bicho, graxaim, como é o outro que eu via... uns barulhos por dentro do mato, eu viajava muito a cavalo, então eu via, só não diferenciava o que era. A gente ouvia barulho dos bichos.

O pessoal tinha medo do boitatá, eles diziam que era o boitatá, e a gente achava que era. Antigamente eles contavam uma porção de coisa... Ficava no costão na praia. No Areal não via nada, eu só escutava galo cantar de noite, quando tarrafeava na praia, chegava lá via ele (boitatá), às vezes caído nos costões.”

O vento incomodava, não conseguia ouvir direito, estava desistindo, quando dona Zulma, a esposa do seu Manoel apareceu e ao saber do que era também quis participar.

Na frente da casa, com carros passando, vizinhos olhando, vento nordeste a toda, soprando e cachorros latindo, a conversa segue com muita história boa. Dona Zulma corre pra ver a comida no fogo e retorna dizendo que se lembrou de mais uma.

“Quando a gente caminhava no Areal, minha mãe contava que a gente escutava uma voz, uma voz de mulher. As pessoas iam andando, eu era pequena naquele tempo, a voz ia aparecendo, e parece que a gente estava mais perto, a voz ia diminuindo. Então ela dizia que era a mulher encantada. Ela saía de dentro das dunas. Eu tinha seis, sete anos e escutava ela cantar.

Seu Manoel interrompe.

Era uma bruxa... A noite ela montava no cavalo, aí a gente ‘via’ os *tropéus* dela. Batia nas latas, nas tampas de panelas. Fazia um *alvoroço* no meio das dunas. Era uma mata e tinha aquele batuque, batuque. Batuque, batuque, ia chegando, chegando, e aquele batuque. Aí aparece, que quando chegava perto acabava, aí não sei se era pensamento das pessoas, ou era...

Naquele tempo, eu era pequeno, era um rapaz, e a gente ‘via’ o barulho dela mesmo, montada nos cavalos e fazia aquela farra delas. Eu não via, só ouvia os barulhos dela, os *tropéus* dos animais, o freio batia, o freio dos cavalos. Elas andavam com umas latas, parece que batiam nessas latas. À noite a gente ‘via’ esses barulhos, deitado, era essa barulheira. A gente dizia: \_ É a bruxa. *Pouca demora*, passava isso correndo de novo, os *tropelos* dos cavalos e elas em cima, de gargalhadas.” **Manoel João Vieira, 78 anos – Zulma Martins Vieira, 74 anos – moradores da Ribanceira em Imbituba**

Vou com seu Manoel até a casa do irmão dele. Chegando lá, seu Nivaldo diz que saiu de Imbituba muito novo, em 1955, com 18 anos e foi para o Rio de Janeiro, faz três anos que voltou. Então, não tinha muitas histórias, mas lembrava de uma.

“O boitatá foi, ninguém na época, dizia o que era, né. Poderia ser uma pessoa com facho, atravessando o escuro pra ir pra casa de outro. Podia ser um fantasma

e... Que existia, existia. O pessoal contava que aqui tinha boitatá, bruxa... Mas a bruxa eu já não tenho lembrança. Já no Areal, meu pai, meus tios, quando iam tirar cipó, ou coisa e outra, escutavam ronco de trovoadas, estouros, galo cantava...” **Nivaldo João Vieira - Morador da Ribanceira em Imbituba**

Despeço-me dos irmãos e dona Zulma diz pra voltar outro dia, que ela vai anotar num caderno todas as histórias que lembrar e guardar para mim. Agradeço antecipadamente e combino de voltar.

A relação dos moradores com as *aparências* se mostra intrínseca a uma cosmologia onde todos participam da vida uns dos outros. As *aparências* participam ativamente da vida cotidiana das pessoas, seja por ataques causados por desrespeitos a elas, *avistamento* ou estrondos no meio do areal. Essa relação social é da ordem da percepção, onde todos participam em um mundo repleto de coisas. Pois, os lugares encantados nos areais não são uma simples visão nativa do que são as dunas, mas sim acontecimentos singulares, que precisam dessas relações sociais entre pessoas, ventos, areais, ligadas ao modo de vida tradicional da comunidade e sua territorialidade. Para Ingold o mundo não é habitado por objetos e sim por coisas. Coisa é um “acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. As coisas não são fechadas ou acabadas, estando pronta para serem consumidas, elas são “*nós*” na malha de linhas da vida, estão em movimento, em fluxo.” (Ingold, 2012, p.29).

Em março de 2017, através da professora Raquel Mombelli entrei em contato com a senhora Marlene Borges, fundadora e ex-presidente da ACORDI, e combinamos de nos encontrar.

Encontro marcado fui de carona até a frente da prefeitura de Imbituba. Dona Marlene Borges trabalha na secretaria da Agricultura deste município. Quando desci do carro uma lufada de vento NE me açoitou e jogou meus cabelos para cima. Quando cheguei à frente da porta de entrada, observei que estava tudo fechado. Tentei espiar pela porta de vidro e não vi ninguém. Bateu um desespero, e agora? Carona se foi, um vento danado soprando, que não

deixa a gente pensar direito. Pego um ônibus de volta, vou até a casa de algum parente... De repente, não sei de onde, apareceu um senhor. Ele fala que a prefeitura só abre às 13 horas. Desolada, vejo que são apenas 9 horas. Digo que a pessoa que iria me atender trabalha pela manhã.

Ele é funcionário da prefeitura e veio pegar uns documentos na sala dele e que conhece todo o pessoal. Dou-lhe o nome e... Surpresa! A secretaria da Agricultura não fica ali, e realmente funciona no período matutino. Ele me explica, alertando que é longe, mas que pode me acompanhar até parte do percurso. E para fechar com chave de ouro esse mau começo, caminhamos contra o vento.

Eu estava ansiosa, louca para andar rápido, pois queria entrevistar seu Joaquim na Divinéia no período da tarde, e nem sabia onde ele morava. Quando chegamos a uma esquina, mostrou a rua que eu deveria seguir. Longa... Muito longa... E que em frente a uma oficina mecânica, teria outra rua, e no fim desta a secretaria da Agricultura.

Já estava quase no final da rua e nada de oficina mecânica. Com aquela ventania, estava tudo fechado e não tinha ninguém nas ruas. Lá pelas tantas avistei uma senhora, com um cachecol enrolado no rosto tapando a boca. Sim, porque mesmo com as ruas calçadas, a areia corre solta por todo lado e inevitavelmente entra na boca. Ela não sabe onde fica. Mais desespero!

Ando um pouco mais e avisto a oficina, está fechada, mas há uma porta lateral para atendimento, e também não sabem. Que coisa! Olho pra frente e vejo uma escadaria, subo alguns degraus e me deparo com uma igreja evangélica. Há dois homens descarregando caixas de um carro, eles entram para a igreja e demoram a sair. É então que noto uma rua estreita ao lado da igreja e uma placa indicando as secretarias da prefeitura. Legal! Entro na rua e já estou no fim dela e cadê a secretaria da Agricultura? Resolvo entrar na secretaria de Obras e Saneamento, sentindo um alívio e paz por sair da ventania, e melhor ainda, a secretaria de Agricultura fica no prédio ao fundo deste que estou e a recepcionista me permite passar por dentro dele.



Chego a um pátio com tratores e caminhões e lá no fundo uma porta. Encontro a senhora Marlene, que não me esperava. Falei que mandei a mensagem no whatsapp um dia atrás. Ela diz que não recebeu que a internet é via rádio, discada, e que é muito lenta. Nossa, põe lenta nisso, cheguei antes da mensagem, pensei comigo.

Expliquei sobre o meu trabalho, e ela contou-me algumas histórias e também indicou o seu Nem e o seu Genésio, que teriam muitas histórias para contar. O Nem morava na sede da ACORDI e seu Genésio, na Divinéia, e que sabia onde seu Pilício (Joaquim) morava. Deu uma loja de informática como referência.

“Eu na realidade nunca vi, sempre escutei esta história. Particularmente, se eu lembro bem, foi do seu Teodoro, eu lembro dele estar contando, que já faleceu. O seu Teodoro dizia que ali no areal aparecia uma mulher. Aí, eu não lembro se era uma mulher de branco, mas aparecia uma mulher, que normalmente era atrás de um pé de butiá, ou uma coisa assim. E aparecia essa pessoa. Aparecia a noite, se eu não me engano era noite de lua, não tenho bem certeza, mas eu lembro dele contando essa história. Que eu, particularmente achava engraçada, e eu dizia que era mentira. E ele não é verdade, é verdade, é verdade. E ficou nisso, entende. Essa é a história que eu sei.”

**Marlene Borges, moradora da Aguada em Imbituba.**

Ela contou mais algumas histórias e como estava trabalhando não quis prolongar a conversar e sai de lá feliz com as novas indicações que nem liguei para a ventania. Ao lado da oficina, havia outra igreja evangélica, que estava em obras, tudo fechado... Os trabalhadores saíam por uma porta lateral para jogar os entulhos no “papa-entulho”. Resolvi me proteger do vento ali mesmo, e ligar para minha prima, torcendo pra ela estar em casa. Sim, estava. Falei o nome da igreja, ela conhecia. Como têm igreja evangélica na cidade... Muitos católicos migraram para elas, inclusive vários parentes meus, entre eles minha prima.

Ela demora um pouco e chega por volta das 11h30m. Falo da loja de informática, ela também conhece. Ela me deixa no local, em frente da loja e parto à procura da casa do seu Genésio, antes explica como chegar a sua casa, digo que entendi assimilando apenas a palavra escola. Caminho um pouco e vejo um homem e um menino brincando no quintal de uma casa, pergunto pelo seu Genésio, e o homem responde que ele mora ali. Seu Genésio vem ao meu encontro passando a mão pela boca, estava almoçando. Explico o que quero, e ele me pareceu irritado, dizendo que não sabia de história nenhuma. Suspiro de tristeza e de cansaço. Pergunto se conhece o seu Pilício e onde ele mora. Não sei se foi pelo meu suspiro ou pelo nome do seu Pilício, pois ele mudou o tom da voz e disse para passar depois do almoço, lá pelas 14 horas, que me levaria até a casa do seu Joaquim (Pilício).

Saio à procura da casa da minha prima, arrependida de não ter prestado atenção na sua explicação. Não sei se ela falou que mora perto da escola ou que ia à escola buscar os filhos. Vou caminhando e vejo uma padaria e paro para comprar água. Entro também por uma porta lateral e... Surpresa! A moça avisa que está fechando. Todo o comércio fecha das 12 horas até as 14 horas. Que estranho!

Em frente da padaria têm uma praça e ao lado da praça uma escola. Pronto, me localizei. Minha prima mora na próxima esquina, no final da rua. Ao chegar à esquina sou surpreendida por um mundo todo azul, o céu e o mar se unem e somente quando se vai descendo em direção a praia e que notamos o branco das espumas das ondas. A rua fica no alto, uns oito metros em relação ao nível do mar e a vista é linda. Para a direita se vê o porto, com suas “cadeiras”, como meu filho chama aquelas máquinas de erguer container, os portêineres. Minha prima deixou Florianópolis há 10 anos e resolveu morar aqui, pela paz e sossego. Sua casa não tem portão e seus filhos, como as outras crianças andam livremente pelas ruas com suas bicicletas, bolas, skates e animais de estimação.

Retorno a casa de seu Genésio, e o encontro colocando as botas sete léguas para ir trabalhar na roça. Ele se aborrece quando me vê, diz que estou

atrasada, que estava me esperando a um tempão. Digo que são 13h50m e que ele marcou às 14 horas. Ele resmunga e vai guardar a bicicleta e tirar as botas.

Seu Pilício não mora longe, e o encontramos cochilando na cadeira de trabalho. Ele é barbeiro e tem 93 anos. É um senhor alto, sorridente, com um gorro de tricô na cabeça. Levanta de um pulo, nos cumprimenta, e após explicar sobre o meu trabalho, fico surpresa. É ele quem faz perguntas e quer saber tudo a meu respeito. Ele diz que esteve na UFSC semana passada, na formatura de um neto, não lembra o curso. Quem são meus pais, meus avôs, onde trabalho, moro, estudo... Ufa!

Ele diz que já ouviu falar do meu avô materno, que somos parentes e começa a traçar uma genealogia da família. Fala que seu tio Antulino, homem ruim e bravo pra família, tem um filho dele, seu primo Nicodemus, que também é meu parente. E continua dando nomes e sobrenomes, me arrependo de não ter gravado essa parte, pois como sabem, ao trabalhar na genealogia dos Areais para a Mombelli, observei que o Nicodemus era casado com uma irmã de minha mãe .

Ele conta que meu vô tinha muitas terras, que ficavam na Barra da Ibiraquera, e sempre sorridente e bom contador, nos leva a seu tempo de juventude e aos acontecimentos das *aparências*.

“Eu vi um boitatá... Eu e ele. Ele pousou em cima... num... ali na praia D’água, uma praia que tem ali, ele pousou em cima no morro. Eu ia do trabalho, eu morei 10 anos lá, eu trabalhava aqui na praia de barbeiro e morava lá na terra do meu pai. Na época não arrumei chão aqui com a companhia, depois é que eu arrumei. E aí na praia D’água tem um barranco alto e eu vi ele lá em cima, aquela luz clareava até no mar. Eu digo, barbaridade! Ai fui rezando e ele veio e pousou na grama, pertinho de mim. Aquela luz ficou lá e eu fui embora. Lá no alto... eu olhei pra trás e ele tava lá ainda. Eu fui embora pra casa e depois eu contei e ninguém acreditou. Meu pai acreditou naquela época.

A primeira foto que eu bati, fui de trem, que vinha aqui pra Imituba, trazer carvão. Levava o povo pra Laguna,

pra fazer compra. Eu pegava a licença em Laguna pra ter a barbearia. Depois é que um amigo meu assumiu a intendência aqui, ai falei com ele e ele passou tudo pro meu nome, porque o que me vendeu foi pra Porto Alegre e nunca mais apareceu. Nós pegávamos o trem aqui embaixo, perto da praia, a chegada era onde é o porto. Quem vai do porto, ali onde é o bombeiro hoje, pela parte de baixo.” **Joaquim Francisco Martins, 93 anos- Morador da Divinéia em Imbituba**

Seu Genésio entra na conversa:

“O trem dava a volta por dentro do porto. Tinha os vagões que puxavam o carvão e uns que levavam pessoas. Um dia eu fui até Laguna com a minha mãe. Ó, uma beleza, novidade. Eu vou contar uma história, diziam que ali na Aguada, na fonte que as mulheres lavavam roupas, de noite aparecia uma mulher lavando roupa, batendo a roupa na pedra do *lavadô*. Eu era solteiro, e não ligava muito pra essa coisa de *aparências*. Eu ensaiava na banda de música, depois eu desisti. Lá, uma certa noite, eu vinha vindo de bicicleta, escutei a mulher batendo roupa. Eu disse, eu vou ver. Já não vinha muito certo mesmo. Larguei a bicicleta, mas larguei na posição de sair pra casa. Comecei a subir o *combro*, parou. Disse: - Ué! Será que era as mulheres, que quando me viram foram embora. Daqui a pouco a roupa batendo na pedra de novo. Daí eu fui, e cheguei na beirada da fonte e vi a *aparência*. Muita gente corria. Olha eu vi, sabe o que era, um bocado de pato. Eles entravam dentro d’água e quando saíam batiam as asas. Então, a pessoa já passava ali com medo e pensava que era uma mulher lavando roupa. **Genésio de Freitas, 75 anos- morador da Divinéia em Imbituba**

Dona Jamília, esposa de seu Pilício, aparece pela porta dos fundos e começa a contar fatos que aconteceram com ela. Seu Genésio, agora mais sorridente, me permite tirar um retrato dele, e diz que tem que ir pra roça.

“Eu tinha quinze anos quando aconteceu essa tragédia. A minha vizinha era comadre da minha mãe e eu lavava pro irmão dela. Ele era solteiro, e ela tinha uma irmã solteira que era muito minha amiga. Ai chegou de noite nós fomos lá, a minha mãe era comadre dela também. Mas naquele tempo não existia luz elétrica, era tudo na velinha e na candeia,*pomboca*<sup>10</sup>. Aí diziam que tinha boitatá, a gente não acreditava. Ai a gente abriu a janela assim de noite, eu e a Vanda, muito perigosa. Olha acendeu uma luzinha lá ó. Ai a mãe da Vanda assim. Ah, aquilo é um boitatá. Eu e a Vanda muito a toa começamos a gritar: *\_Boitatá, apaga lá e acende cá*. Gritamos três vezes. Quando falamos três vezes ele sumiu se apagou, se apagou. Quando nós olhamos na entrada da cancha onde nós morávamos, aquele clarão que incendiou tudo, incendiou as casas tudo. Nós ficamos bem apuradas e corremos pra dentro e fechamos a janela e ficamos tudo dentro de casa, com medo. A casa clareou toda por cima. Ai a minha mãe disse: *\_ Agora eu quero ver vocês sair na rua*. E nós temos que sair, temos que ir embora. Ai a minha mãe pegou uma faca, porque dizem que quando atravessam uma faca na boca ele vai embora. Minha mãe pegou uma faca, botou na boca e atravessou e pegamos a rezar, e foi indo e sumiu. Nunca me esqueço disso, faz anos, eu tinha quinze e tô com 86 anos. Na praia D’água ele aparecia lá naquele morro. Levei um “*cagaço*”, minha mãe queria ir embora e eu com medo do boitatá.” **Jamília Corrêa Martins, 86 anos- moradora da Divinéia em Imbituba.**

---

<sup>10</sup> Lamparina a base de querosene.



Figura 3- Seu Pilício e dona Jamília Foto: Alenir Souza



Figura 4- Seu Genésio Foto: Alenir Souza

Seu Pilício e dona Jamília me proporcionaram uma tarde gostosa, entre histórias, sustos e risadas, o tempo passa. Despeço-me e mais uma vez não sei pra onde ir. Bom, procuro a loja de informática, e a partir dela vou pra casa da minha prima.

Cardoso, no seu trabalho intitulado “Paisagens em Transe: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal,(2016),” analisa a relação de territorialidade tradicional que une os Pataxó, as roças, os coqueiros, os dendezeiros e seus caminhos, onde encantados aparecem também nos seus deslocamentos cotidianos. Lugares e seres são entrelaçados em co-construção, em um processo ao longo do qual os seres devem no decorrer de suas vidas cultivarem, sendo afetado pelo lugar e o afetando, na busca do viver sossegado junto com outras linhas de vida. A vida ocorre na fronteira desses mundos, nos cruzamentos dos limites através da sociabilidade. “Cruzando limites entre lugares, engendra encontros perigosos e negociações incertas: uma coordenação de ações entre humanos e destes com não humanos, que não pressupõe como pré-condição, a harmonia.” (Cardoso, 2016, p.167)

O mundo das *aparências* e o mundo humano, não estão separados da realidade, apenas vivem de forma separada e possuem ontologias distintas. O que ocorre é o cruzamento de fronteiras entre esses dois mundos, que por sua vez conectam ao mundo do butiá, da mandioca, do vento, ou seja, há toda uma gama de agências que levam a criar mundos entrelaçados.

## 2.1- Pelos caminhos dos Areais

No mês de agosto de 2017, vou a Imituba para encontrar o seu Nem da ACORDI, e fazer os caminhos por onde passavam os carros de boi. Quando chego à Ribanceira, em frente à rua de acesso à ACORDI, sou surpreendida pelo fato de haver um guarda na entrada da rua impedindo a passagem com uma corda. Fiquei preocupada, pois toda aquela área é uma zona de conflitos de interesses, entre agricultores, empresas particulares e órgãos do governo estadual. Achei que não poderia entrar e fazer os caminhos. Mas ao falar com o guarda, ele permitiu a entrada e disse que é empregado da empresa de limpeza da cidade e que estava ali para impedir que as pessoas colocassem lixo naquele terreno. Observei que todo o lixo que havia antes foi retirado, e que colocaram várias casinhas para os cães abandonados que moravam no lixão.

A estrada que leva até a ACORDI não é calçada e ao longo do percurso podemos observar as paleodunas<sup>11</sup> com as diferentes tonalidades de solo. Encontro o seu Nem, cujo nome é Anílton, no engenho, ao lado do fogão a lenha, fazendo um cigarro, não de palha, e sim de folha de seda. É um homem quieto, de poucas palavras. Já haviam me dito que não conseguiria muitas informações com ele. Como tinha que retificar alguns dados da genealogia do projeto da professora Raquel, e ele era um dos egos, esse movimento já quebrou o gelo inicial e ele passou a ser mais solícito. Ele diz que nunca casou, mas que ajudou a mãe a criar dois sobrinhos. Retificações feitas lhe pergunto sobre os caminhos dos Martins e o dos Farias, usado antigamente pelos carros de boi para transportar palha de butiá e mandioca. Ele concordou em fazer o percurso, pois tinha que ver umas mudas de laranjas, que a Marlene Borges havia plantado. Fechou a porta do engenho, mas não passou o cadeado, deixou lá pendurado na tranca. Havia vários cães no local, mas nenhum deles nos acompanhou, ficaram lá, deitados na areia, tentando se aquecer no sol pálido de inverno. Tentei puxar conversa sobre boitatás, bruxas, lobisomens,

---

<sup>11</sup> Também conhecidas como dunas fósseis ou consolidadas, possuem uma cor mais avermelhada e podem conter fragmentos de civilizações pré-históricas.



mas seu Nem foi bem resistente, dizendo que não sabia de nenhuma história, depois contou.

“Tinha um boitatá que saía da ilha da Barra, ia até o farol e pousava lá. Não pode mexer com ele. Dizem que se representava como um peru.”

**Anílton de Souza Sabino, 70 anos, morador da Ribanceira em Imbituba.**



Figura 5 - Seu Anílton, Nem da Acordi Foto: Alenir Souza

Depois apontou o areal, dizendo que o caminho que estávamos fazendo, o caminho dos Martins levava para o Arroio. Havia uma enorme caixa d'água da Casan e ao lado desta, outro que levava agora para o caminho dos Farias. Neste percurso de ligação, ele verificou as laranjeiras e constatou que não estavam sendo atacadas por formigas e sim que as folhas estavam sendo arrancadas pelo vento. E vento em Imbituba é o que não falta. Nesse dia,

estava um vento tolerável, pois o nordeste já havia assolado a região por três dias seguidos.



Figura 6- Trilha que interliga o caminho dos Martins com o dos Farias

Foto: Alenir Souza

No trajeto perguntei sobre algumas ramas de mandioca colocadas sobre a terra e ele explicou que o solo estava sendo preparado para plantar. Explica também que uma área mais a frente ficaria em pousio por dois ou três anos, para o solo se recuperar.

Havia vários pés de butiá ao longo do percurso, muitos com as “buzinas” abertas, outros com os frutos verdes, que ficarão maduros no verão. Mas havia um pé que já possuía frutos maduros, e seu Nem estava escondendo com a própria palha da árvore. Ele constatou que mais alguém também estava de olho no cacho de butiá, pois achou que as palhas haviam sido mexidas.

Ele passou a andar muito rápido como se estivesse com pressa de voltar, apontou para frente, dizendo que ali passava o caminho dos Farias, que levava até a praia da Ribanceira, e pegou outra trilha para voltar à sede da

associação. Deixei ele se afastar um pouco e passei a olhar ao redor. Notei um ninho de coruja buraqueira e nas *buzinas* abertas dos butiazeiros tinha uma grande quantidade de abelhas. Seu Nem apertou mais o passo... Fui observando a paisagem, o ar bucólico do local, e não tinha o canto dos ventos para inundar os ouvidos da gente.

Chegamos ao engenho, que é elétrico, e ele foi logo ativar o fogo, acho que esse era o motivo da sua pressa. Os cães continuaram “*lagarteando*” ao sol e lançaram olhares preguiçosos na nossa direção. Em seguida chegou um senhor de moto, dizendo que ia dar uma “*garrafada*” para um boi doente, e me pareceu que o Nem precisaria ajudar. Despedimo-nos e parto para o Arroio, para falar novamente com o seu Santilino e seu Ailton do engenho.

No Arroio, encontro o seu Santilino no ponto de ônibus, ele ia para o centro da cidade. Eu havia combinado com a filha dele, mas ela esqueceu de dar o recado. Vou a procurar do engenho do seu Ailton. Chego a casa dele bem na hora do almoço. Fico do lado de fora aguardando, e ele e sua esposa me convidam para entrar. Explico o motivo da visita, falo sobre as retificações da genealogia da comunidade, e senti que estavam irritados, que já haviam falado com um casal sobre este assunto e mais outra pessoa. Perguntaram como cheguei até eles e disse que seu Santilino tinha indicado o local, e passaram a fazer perguntas sobre quem era a minha família e dado todas as explicações, responderam que conheciam meus tios e avós... Vejo aqui a necessidade de ter sempre alguém da comunidade junto nesses momentos, porque depois disso se mostraram mais amistosos, e tudo ficou melhor ainda, quando a conversa foi para o meu trabalho. Eles contaram suas experiências com as *aparências*. Dona Irene, como foi criada pelos avôs tinha muita coisa para relatar.

Seu Ailton:

Aqui no *Areal Estrondo*, no meio dia, credo eu tinha um medo. A *encantada* chegava e estourava, *bummm*, bem no *Mato Areal*.

Dona Irene:

A gente ouvia ao meio dia, perto da casa da minha vó tinha o areal, e bem ao meio dia a gente só ouvia o canto, e a gente se arrepiava toda. A vó gritava, não vão pra lá que ela joga vocês num buraco. A gente tinha medo, antigamente aparecia muito dessas coisas.

**Ailton Frontino Machado, 57 anos e Irene Borges Machado, 49 anos, moradores do Arroio em Imbituba**

Bom, seu Ailton contou que já tinha ido com seu Santilino em Florianópolis na casa de uma tia minha e me presenteou com um pouco de farinha. Agradecimentos feitos, dona Irene pediu para voltar para ouvir mais de suas histórias.

Para alguns moradores as *aparências* não são vistas mais com tanta frequência como antigamente, devido ao advento da energia elétrica, mas podemos pensar também no surgimento de fábricas, do turismo e da especulação imobiliária que modificaram o ambiente.

“Diziam os antigos, que este negócio de boitatá, bruxa e lobisomem tinham uma data pra acabar... Como de fato se acabou agora tá tudo claro. Agora tu não vê um fogo (boitatá) no morro...”

**Pedro Borges, 78 anos - morador de Nova Brasília**

As *aparências* não possuem horário para surgir, podem ser vistas a qualquer hora do dia, sendo que no Areal Estrondo, é normalmente ao meio-dia que se faz ouvir um grande barulho, um estrondo, por quem passa pelo local. Para os narradores as *aparências* estão sempre presente e podem se fazer ouvir a qualquer momento, e eles não os consideram como seres sobrenaturais. Dizem que os boitatás adoram aparecer quando tem *chuva miúda* e as bruxas e lobisomens aparecem mais a noite. Já a mulher encantada do Areal aparece a qualquer hora com o seu belo canto. É uma entidade feminina, associada às relações particularizadas com os homens, que passam sozinhos pelo Areal Estrondo.

Segundo Ingold (2012), devemos ouvir as vozes do mundo mais-que-humano, e para isso é necessário uma sensibilidade sintonizada por um engajamento perceptivo íntimo com o ambiente a qual pertencemos. Na fala de seu José Antônio, podemos observar essa sintonia, onde a explicação extrapola os fatos observáveis.



Figura 7 - Seu José Antônio, morador de Nova Brasília Foto: Alenir Souza

*“O Seu Manoel estava no meio da lagoa pescando, ele e um amigo, quando ameaçou o vento sul.”*

Observamos que ele posiciona a mão de uma forma que nos permite ver que a canoa esta no meio da lagoa.



Figura 8

*“Seu Manoel, gozador e debochador como ele só, falou: - Vento sul, vento sul, levanta o rabo do touro e manda o povo cheirar!”*

*Faz um arco com a boca, demonstrando o ar debochado do protagonista da narrativa.*



Figura 9

*“Deu uns minutinhos e caiu um vento, que não deu tempo de baixar a vela.”*

A mão posicionada ao alto, aberta, simbolizando o vento que vai cair.



Figura 10

*“O vento vinha cantando, vuuuuuummmm.”*

Faz a sonoridade do vento com a boca, e com a mão demonstra o deslocamento do vento.





Figura 11

*“Não deu tempo de nada e a canoa...”*

Com as mãos, e olhando para o horizonte, nos faz ver, o vento empurrando a canoa.



Figura 12

*“Partiu voando...tizimmm”*

Já nesta foto, as mãos demonstram a velocidade com que a canoa foi lançada e a boca, a acústica do movimento.



Figura 13

*“Foi parar no meio do mato, no pasto do Odilon.”*

O olhar perdido no horizonte, nos remete a ver a canoa lançada no meio do mato.



Figura 14

*“Saíram pelo pasto com a canoa, e depois pegaram a federal (BR-101).”*

Com um ar sério, mostra o perigo que os pescadores passaram.



Figura 15

*“Saíram rindo do susto que levaram.”*

E no final a gargalhada, como se estivéssemos juntos aos pescadores no momento de perigo e agora felizes pelo desfecho da situação.

Para Ingold, o conhecimento do ambiente se dá através das práticas de peregrinação, no caminhar entre um ambiente e outro, nas idas e vindas dos habitantes locais, na leitura performática do mundo que habitamos. Os seres que compõem esse mundo trazem consigo um emaranhado de histórias, de tradições. Ele faz uma crítica ao mundo científico que colocou o mundo num sistema de classificação, organizando os seres por suas semelhanças e diferenças, nos compartimentos de uma taxonomia, onde as criaturas do mundo dito “natural” são conhecidas como espécies e não por suas tradições, e as criaturas que se apresentavam apenas por suas tradições, como o boitatá, bruxa e lobisomem, foram desconsideradas. Caíram nos vãos da taxonomia, foram empurrados para as periferias por um mundo científico que não tem lugar para os movimentos e itinerários da vida.

Devemos saber ouvir as vozes do ambiente, do mundo mais-que humano, e não ficarmos presos numa separação rigorosa entre o fato e a interpretação, entre o saber e a imaginação, por medo de infringir as normas de uma conduta racional.

“Para Ingold as coisas são vivas, e a vida é um ambiente inerente à circulação de materiais que continuamente dão forma às coisas assim como à sua dissolução e não são animadas por uma agência atribuída por um humano. O ser vivo, como um ser perceptivelmente engajado, se movimenta afetando e sendo afetado pelo mundo que também está em pleno movimento, e que este movimento entrelaçado a outros movimentos geram narrativas, sentidos e marcas de suas trajetórias.”(Cardoso,2016)

## 2.2 - As Narrativas

Segundo Ingold (2015), no mundo narrativo as coisas não existem antes das relações, elas ocorrem. Onde as coisas se encontram, as ocorrências se entrelaçam na medida em que cada uma se torna ligada a história da outra. Cada uma dessas ligações é um lugar ou tópico. E é nesta ligação que o conhecimento é gerado. Contar uma história é relacionar, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vívido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora. “Conhecer é relacionar o mundo ao seu redor, e quanto melhor se o conhece, maior a clareza e a profundidade da sua percepção.”

“O mundo narrativo, ao contrário, é uma ordem implícita, nos termos de David Bohm (1980). Trata-se de um mundo de movimento e devir, no qual qualquer coisa- capturada em lugar e movimento determinados- envolve dentro da sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí. Em um mundo assim, podemos compreender a natureza das coisas apenas assistindo as suas relações, ou em outras palavras, contando suas histórias.” (Ingold, 2015, p.236).

Embora as narrativas sobre os Arais da Ribanceira lembrem experiências passadas, elas atualizam as experiências atuais de percorrer esses lugares, através da experiência de escutar as narrativas e perceber significados na paisagem do Areal, pois são relatos de lugares que revelam práticas de espaços. Para Devos (2003), devemos relacionar essas narrativas com as trajetórias sociais dos narradores, buscando a compreensão das transformações nas relações entre os moradores e o ambiente.

Em relação aos Arais da Ribanceira como lugar, podemos partir do paradigma de que o lugar é algo em constante movimento, constituído de histórias, ou seja, segundo Michel de Certeau (1994), o espaço é um lugar praticado, onde as práticas do dia a dia que articulam essa experiência, e a oposição entre lugar e espaço remete aos relatos de duas espécies, dos objetos e dos sujeitos históricos, efetuando um trabalho incessante de transformar lugares em espaços ou espaços em lugares. Além disso, o lugar está intimamente ligado ao relato, em uma espécie de bricolagem do mundo, constituído por resíduos ou detritos deste agrupados de diferentes formas. Fragmentos diversos como lembranças são unidos, justapostos como numa colagem com o intuito de produzir sentido a determinado local.

Através dos relatos, das narrativas, procuraremos entender o lugar, o espaço, as práticas cotidianas e as experiências dos moradores frente a este ambiente, que além da dimensão territorial possui também uma dimensão simbólica instituída pelas *aparências* e inscrita na memória coletiva<sup>12</sup> da comunidade. Onde encontramos toda uma tradição ligada ao uso da terra, aos laços de parentesco, aos vínculos históricos de luta e perda de seu território. Essas narrativas nos levam, através dos caminhos e do fenômeno da experiência, a estabelecer uma relação não de tradução, mas de empatia com o ambiente, ouvindo as vozes de todos os seres que o compõe.

Desta maneira, podemos entender as narrativas das *aparências* como uma maneira dos habitantes pensarem sobre as transformações das suas relações com os caminhos, com as práticas, com o Areal Estrondo, com o Mato Areal.

---

<sup>12</sup> Halbwachs argumenta que a memória coletiva comanda a sociedade através de uma “Lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2006, p. 61).



### 3. Os Caminhos e as Práticas

#### 3.1- Os Caminhos do Butiá

“Eu lembro, meus pais e meus tios, carregavam fardos de palha de butiá, três ou quatro carros de bois, para fazer colchão, e entregavam tudo em Imbituba. A minha prima Alealcina viu uma vez, uma bola de fogo iluminando o areal, e o meu tio João falou que era um boitatá, que era para ficarem quietos, mas a minha prima falou brincando baixinho: - *Boitatá, apaga lá e acende cá.* De minutos, veio o facho de fogo sobre eles e meu tio colocou a faca em cruz na boca e rezou o Creio em Deus Pai. O boitatá voltou a ser um facho de luz e sumiu no areal.”

***Itelvina Borges de Souza, 85 anos, moradora do Mirim, em Imbituba.***

O butiazeiro é morador nativo deste local, tem parentes espalhados pela região centro-sul do litoral catarinense indo até Torres, no Rio Grande do Sul. Mas é no Mato-Areal que ele é prosa, dando vida e forma na paisagem ao seu redor. Adora o sabor arenoso e salino da restinga, pode chegar até dois metros de altura, possui folhas longas e finas e dá um fruto gostoso, que pode ser amarelo ou roxo, quem manda a cor é o butiazeiro, que coloca o “pendão” da mesma cor do fruto.

Para os moradores, butiá é o nome do fruto e o pé é chamado de butiazeiro. Chamam de “*buzina*” a espádice floral fechada da planta e de “*canoa*”, quando aberta. O período de floração vai de agosto a abril, e o período de frutificação vai de outubro a maio. No verão, de dezembro a fevereiro é onde tem frutos mais saborosos. Cada butiazeiro pode dar até três cachos por temporada, em média, que ficam maduros entre duas e quatro semanas.



Figura 16- Muda de butiazeiro ao longo do caminho Foto: Alenir Souza



Figura 17- Butiazeiro com espádice floral aberto Foto: Alenir Souza



Figura 8- Espádice floral abrindo Observam-se as abelhas ao redor da “canao”.  
Foto: Alenir Souza

O butiazeiro gosta de solo arenoso, mas nasce até em cima de barro. É comida para passarinho, gambá, tatu, formiga, abelha e mamangava. Foi retirado muito butiazeiro, para plantar mandioca ou construir casas. Como foi o caso da construção do molhe do porto, os moradores da praia da Aguada foram “levados” para o morro, onde hoje é a Divinéia. Ali butiazeiro era como “inço” e foi tudo derrubado. Também derrubavam butiazeiros para plantar mandioca, apesar de a mandioca ser a principal fonte de sobrevivência das famílias que se reconhecem como pertencentes à Comunidade Tradicional dos Areais da Ribanceira, o extrativismo do butiá é uma atividade que também é praticada pelos moradores. Antigamente se aproveitava mais o butiá para

colocar na cachaça ou para consumo in natura, hoje em dia, com o uso do butiá para fazer suco, picolé, sorvete e até cerveja, não se derruba mais, e são comuns, as malhas de butiá permeando as roças de mandioca, que funcionam em sistema de pousio. A terra pode ficar de dois a três anos descansando, sem uso.

No passado se usava fogo para limpar o solo após o pousio, como também para limpar a área dos butiazeiros, a fim de facilitar a caminhada entre eles. Hoje isso é proibido, no entanto, é comum ocorrer incêndios na região. De acordo com os moradores, pode ser acidental ou criminoso, porque tem pessoas de fora da comunidade com interesses nas terras e também para retirar a samambaia-preta que nasce logo após o fogo.



Figura 9- Incêndio ocorrido em setembro de 2017. Foto enviada por Raquel Mombelli

Para colher o butiá, geralmente é utilizado um balaio, que se coloca embaixo do cacho e dá um belo chacoalhão nele. Dessa maneira, os frutos maduros caem e os verdes ficam para uma colheita futura, sem precisar cortar o cacho. Mas as pessoas que retiram para vender para as sorveterias retiram o

cacho inteiro. Normalmente, cada pessoa retira em média de 5 a 15 kg de butiá.

A amêndoa do butiá também é consumida com farinha de mandioca, ou feita farinha para bolos e até cocadas. E necessário tirar a polpa do butiá para chegar ao coquinho, que então é posto para secar no sol, ou no forno do fogão.



Figura 10- Butiá de inverno. Dois cachos, um já em fase de maturação. Foto: Alenir Souza



Figura 21- Outro ângulo do butiazeiro Foto: Alenir Souza

A palha do butiá também é aproveitada. Dela se faz chapéus, colchões e vassouras. Quanto mais novo o butiazeiro, melhor a palha. Quando a planta fica na sombra, não dá boa palha. Devem-se tirar as palhas debaixo para cima, deixando o brotinho e mais três folhas. Por volta de um mês, o pé de butiá vai estar lindo, crescendo limpo. Pode-se retirar a palha o ano todo, mas não é bom tirar na época da florada ou frutificação, porque o pé pode morrer. As folhas debaixo que ficam sombreadas, não servem para trançar chapéus, porque ficam manchadas. As folhas são deixadas murchando durante três dias, dentro de casa, na sombra em lugar seco e depois secando no sol por mais três ou quatro dias. Não pode molhar ou pegar sereno, senão cria caruncho e mofa.

No dia 26 de maio de 2016, fui até a casa da dona Teresa Ribeiro, em Nova Brasília, onde ela, juntamente com os senhores Alonsio Ribeiro, e Pedro Joaquim Borges, ambos moradores de Nova Brasília, passaram a relatar várias histórias sobre como ocorria à colheita da palha e também a confecção dos fardos e das tiras de tranças para fazer chapéus de palha.

Ao mesmo tempo em que conversávamos, eles estavam mostrando como trabalhar com a palha do butiá, a palha estava verde, como era somente para demonstrar como faziam antigamente. Mas seu Pedro disse que tinha uma palha específica para fazer chapéu e uma para fazer colchão. Até podem usar a mesma, mas a palha do chapéu é a palha branca, que dá no mesmo pé de butiá.

**Seu Alonso:**

A gente fazia as tiras pro chapéu em *braças*.

**Seu Pedro:**

Fazia tudo em fardinho, secava no Sol, depois fazia fardo de 15 kg e levava lá no Retiro, numa fábrica tocada a água... Era uma roda bem grande. Era a água que tocava ela... Ela tocava uma outra roda menor, assim, cheia de pregos assim... O falecido Amaro, pegava os pacotes e enfia para desfiar, era um perigo... Se vai uma mão ali...

Depois pegava os desfiados amarrados e fazia fardos de 60 kg e levava até o navio, em Imbituba, que levava para fora. Antes fazia o empacotamento no Mirim. Aí não sei aonde que ia este navio, mas voltava com colchões de cama, sofá de casa, sofá de carro... O colchão era pesado que nossa! Tudo da palha do butiá...

Tudo era levado de carro de boi... Era um caminho que só passava carro de boi, era um caminho de areia... As lojas vendiam a cama turca, que era uma cama com o colchão colado, como se fosse um sofá, cheio de molas forradas com a palha. O colchão também era vendido sozinho, sem a cama, era vendido com o nome de crina... Naquela época, há 40 anos era tudo assim mesmo. Nós saíamos do Retiro, lá no Sambaqui, de carro de boi... No Mirim, às vezes ia de caminhão até Imbituba, mas levava de carro de boi também, meu pai levou muito, muito carro de boi até lá.

Seu Pedro comenta que as *aparências* surgiam nesses caminhos, como a história que relata abaixo:

Os boitatás apareciam à noite e assustavam a gente. Eles pulavam do morro do Sambaqui para o morro do Barreiro, a gente via... Lá na lagoa ninguém passava sozinho... No meio dia galo cantava no Areal... A gente também ia lá tirar cipó para fazer balaio... Antigamente a coisa era feia..., agora tu vai até São Paulo com tudo claro..., para sair de casa tinha que ter um pau com fogo para clarear, a bicicleta tinha que ter farol... O boitatá era perigoso, não se *intitava* com ele... Também não se encarava ele...

O lobisomem também aparecia, como carneiro, porco, cabrito, cachorro, terneiro... A gente saía cedo do Sambaqui, com a palha desfiada e no meio dia ouvia barulhos estranhos no Areal. Há 40 anos, aqui era tudo mato.

**Dona Teresa:**

Quando a gente ia vender ovos e passava pelo areal, minha tia Ana dizia para tomar cuidado, que a vô Benta, falava que ali no Areal aparecia a encantada.

Um ano depois, no dia 14 de setembro de 2017, fui até a Praça Santa Teresinha, em Nova Brasília, encontrar com dona Teresa e seu Pedro Borges, que explicaram como se dava o trabalho como o butiá.

Segundo o senhor Pedro Borges, dizem que tem lua certa para tirar palha, mas para ele:

“A lua não importa nada, é só não deixar pegar chuva ou sereno. Bota pra secar de manhãzinha e depois tira, mas não pode deixar pegar sereno. Não é toda a palha que serve para fazer chapéu, é só a palha branca. A palha é branca mesmo, e é pra chapéu. A palha do colchão é outra, a palha verde. A palha branca é um tipo de pé. O pé da palha branca dá o fruto da cor amarela. O pé do butiá roxo, a palha é pra colchão, sofá... O branco também pode ser usado pra colchão,



sofá... A palha branca é bem macia. A gente só sabe a cor do fruto quando dá.”

**Dona Teresa:**

“A gente também fazia esteira, a gente saia lá do Retiro, onde a gente morava e ia de carro de boi até o “mar” do Mirim. E lá nos cortávamos o peri ou a taboa<sup>13</sup>. Tanto uma como a outra, era pra fazer esteira, e nos trazíamos,secávamos e depois fazíamos as esteiras. Era nesse ritmo assim. Aí a gente vendia e também pra uso pessoal da gente.Era uma hora de caminhada, e a gente tirava um dia pra fazer isso, as esteiras.”

**Seu Pedro:**

“Para fazer esteira era um bilro de pau, com uma cordinha amarrada, botava o peri, ou a taboa, tirado do “mar” do Mirim, e botava o peri, de lá pra cá, e tornava a voltar. Hoje em dia, ninguém faz mais.”

De repente, seu Alonsio surge de bicicleta, não podia ficar melhor, e olha que nem marquei com ele. Cumprimentamo-nos e ele mais do que depressa:

*- Ainda esse trabalho. Isso não tem fim... E das “aparências com o butiá”?*

Entre risos digo que sim e ele comenta do terreno que a família tinha e que junto à roça de mandioca tinha muito butiazeiro. E que *“a palha do butiá roxo deixa o chapéu muito escuro, por isso as pessoas usavam a palha do branco”*.

**Seu Pedro:**

“Do coquinho até nascer o butiá leva um ano. Para dar fruto, numa terra bem adubada leva quatro anos. No Areal de seis anos pra frente. A gente pode tirar a palha, ele gosta e vem bonito.”

---

<sup>13</sup> Peri é uma planta aquática, também conhecida como capim de esteira, pertencente à família das ciperáceas. A taboa é uma planta pertencente à família das Thyphaceae, e assim como o Peri, é também conhecido como capim de esteira. São plantas aquáticas comuns em lagoas.

Segundo Manoel Inácio, o Maneca da Casan: *“Pro butiá nascer mais rápido, é bom plantar ele com milho, porque o milho nasce enraizando e trás o butiá junto. E o pé de milho depois seca.”*

**Dona Teresa:** “Quando a gente estava na roça de mandioca, ou cortando palha, a fome batia, e naquele tempo não tinha muita coisa pra comer, a gente puxava a *“buzininha”* do tamanho de um dedo e comia. Tinha o sabor do palmito, às vezes um pouco maior que um dedo. Nós também vendíamos butiá no centro de Imbituba, meus tios que vendiam.”



Figura 22- seu Pedro Borges e dona Teresa Ribeiro Foto: Alenir Souza



Figura 23- Dona Teresa e seu Alonsio Ribeiro Foto: Alenir Souza

Ao redor da praça havia três agropecuárias e uma loja de ferragens, fui a todas a procura do chapéu de palha de butiá ou das esteiras de taboa ou Peri. Não encontrei em nenhuma delas e todos falaram que o chapéu de palha de butiá vende rápido, porque é um chapéu mais resistente. Perguntei como sabiam a diferença entre os chapéus e a resposta foi que o chapéu de palha de butiá é mais escuro que as outras palhas e que adquirem o produto de fornecedores de Tubarão e Laguna, cidades próximas a Imituba. Quanto às esteiras, a maioria falou que não conhece somente a dona da loja de ferragens, que disse que poderia encontrar em lojas de artesanato ou feiras.

Das entrevistas que fiz com os moradores, em várias se percebe como a relação com o butiá é antiga. As histórias sobre as *aparências* que surgem na região estão normalmente relacionadas ao butiá e a ação extrativista deste ou da pesca.

Observamos que a princípio, as pessoas apresentavam certa resistência em falar sobre seus conflitos com o uso da terra, mas ao mesmo tempo demonstravam uma grande disposição em narrar histórias de *aparências* e das práticas associadas a elas. A relação entre as narrativas sobre o butiá, a

pesca, os areais e as *aparências* são recorrentes entre todos os narradores por mim entrevistados.

“Todo esse caminho era caminho de carro de boi, daqui até o Mirim. Ele atravessava os campos, que hoje está tudo cercado. Esse caminho sempre rodeava o areal. Nós tiramos muita palha, cortamos muita palha. Hoje em dia, lá no nosso antigo terreno tem muito butiazeiro, nós tiramos muita palha de lá, do *Mato-areal*. Lá o butiá é *inço*, mas aqui pelos campos arrancaram tudo e fizeram roça de mandioca. Meu avô contava pro meu pai que no areal tinha encantamentos, que a terra se abria com estrondos, que gritava uma mulher.”

**Santilino Basileu da Rosa, 78 anos, morador do Arroio em Imbituba.**

“Meu sogro era o seu João Ezequiel Vieira, ele morava ali, onde tem agora uma casa de dois pisos, nós morávamos bem pertinho dele e ali ele cortava palha de butiá, nós e eles tudo. A gente era casado, e a gente tirava tudo na mão, a gente secava, tirava tudo na mão, fazia um montinho amarradinho, com a mesma fita da palha. Depois de seco, aí meu sogro levava de carro de boi lá, lá pra Ribanceira de lá, pra pegar essa palha e desfiar, porque dali ela ficava pronta pra colchão.

**Seu Manoel interrompe.** Eles faziam até banco de ônibus de palha do butiá.

**Dona Zulma continua.** Eu me lembro muito bem, que meu sogro doou as palhas para fazer todos os colchões do hospital São Camilo. Foi, e faz 51 anos que eu ganhei a minha terceira filha, lá nesse hospital. E os colchões estavam novinhos, tinham sido doados há pouco tempo. E quando eu ganhei essa minha filha, que mora aqui, o hospital não tinha quarto, era uma sala enorme com nove mulheres. Hoje já está dividido, claro, pra duas, três. Mas antes era pra nove mulheres.

Eu dizia pra outras mulheres e pras enfermeira que foi meu sogro que doou.

**Manoel João Vieira, 78 anos e Zulma Martins Vieira, 74 anos, moradores da Ribanceira em Imbituba.**

“A gente tirava a palha do butiá, desfiava e amarrava em pacotinhos, pesava e vendia pra fazer colchão, pra travesseiro, embalagens. Tinha uma roda aqui, que era a *roda da palha*. Era ali nos Farias, ali onde tem aquela fábrica agora, na Votorantim. Ali era a fábrica de desfiar palha de butiá, ali a gente vendia os pacotões ali. Eles *sevavam* na máquina e saia como o cabelo da gente, só mais grossinho um pouquinho. A gente levava de carro de boi. Em outras épocas meu pai arrendava pra umas mulheres lá do Mirim, elas vinham cortavam e levavam, e iam preparar pra lá.” **Joaquim Francisco Martins, 93 anos, morador da Divinéia em Imbituba.**

Seu Osmar Isidio, morador da Ribanceira, comenta que os carros de boi circulavam o Areal, que até hoje há vários desses caminhos, quando as pessoas vinham com os carros de bois buscarem palha de butiá para entregar no centro de Imbituba para fazer colchão. “*Os butiazeiros ficavam bonitos com a retirada das palhas, mas agora as pessoas só vem pegar o fruto, e eles não crescem muito.*”



Figura 24- Caminho que interliga o caminho dos Martins com o dos Farias

Foto: Alenir Souza

O butiazeiro não vive sozinho, ele interage com outras espécies. Com os insetos na florada ou servindo de comida para aves, tatus, gambás e humanos, ou seja, se relaciona numa comunidade de multiespécies. Sendo que com os humanos o seu envolvimento transcende a uma relação mais que afetiva. Ele vive conectado aos humanos, seja pelos frutos, pela palha, pelo uso do solo arenoso, ou pelas histórias de *aparências*. O butiazeiro produz mundos na sua sociabilidade, e é esse sistema de conexão entre butiazeiro e humano que impulsiona a vida, pois ambos compartilham uma experiência histórica que marca este ambiente.

Anna Tsing (2015) nos propõe vermos a história do mundo sem a fronteira do isolamento entre natureza e cultura. A história de todo ser vivo se entrelaça animal, planta, ser humano e *aparências* ao longo do caminho que traçam. Ao caminharem para extrair a palha do butiá ou seus frutos, surge à ação, a prática que os leva a produzir um lugar familiar na paisagem, e são

esses lugares familiares o início da apreciação das interações multiespécies, onde aprendem não só sobre as relações ecológicas, mas sobre as histórias entre essas espécies, pois esses lugares, não são exclusivos dos humanos, outros seres os habitam e também aprendem. Por meio desta análise podemos pensar no butiá e na forte relação deste com a comunidade, relação esta de mútua afetação, de efeito de um sobre o outro.

Quando o butiazeiro é derrubado para dar lugar à roça, notamos que ocorre uma conexão entre as forças naturais presentes no ambiente, uma se submetendo a outra, o próprio solo, o butiazeiro, o vento, a areia, o ser humano. O processo de derrubada do butiazeiro para dar lugar à roça e depois o abandono desta para o pousio e o conseqüente retorno do butiazeiro, mostra que não há uma fronteira absoluta entre o espaço da cultura, o espaço doméstico, e o espaço da natureza, pois os caminhos trilhados revelam essas nuances, uma vez que até as roças das famílias se conectam aos usos comuns desse ambiente. E é por isso que as *aparências* habitam esses caminhos também, elas indicam uma ética, uma forma de relação com os outros seres desses lugares pautada pelo respeito, pela evitação de certas ações, que indicam uma territorialidade diferente do regime de propriedade privada/área pública no qual o proprietário controla e decide o que se pode ou não fazer.

“O termo trilhar caminhos, soa como se o andar e o caminho fossem uma coisa só. O caminho não existe de antemão, ele ocorre no caminhar. Os caminhos devem ser trilhados; se cessar o caminhar, a trilha se fecha e com ela a memória: a memória se esvai com caminhos que se fecham, com o fim do caminhar. Manter os caminhos abertos é estar em movimento”. Cardoso (2016, p.211).

### 3.2- O Engenho de Farinha de Mandioca

“Na minha infância, lá na casa do Pedro Borges, o forno era tocado no braço, e depois, mais na frente, o forno foi adaptado para usar o boi. No braço, tinha que fazer bem certo, porque o forno tinha fogo e podia pegar fogo na farinha. Tinha que fazer com muito cuidado. Era um cansaço de matar. O boi tinha muita utilidade pra gente, puxava o carro para carregar palha, lenha, mandioca. No engenho sempre tinha dois, para trocar quando um ficava cansado”. **Teresa Ribeiro**

De acordo com as entrevista com os moradores locais, a mandioca e o butiá, caminham lado a lado ao longo do percurso e percalços da história de suas vidas. Não se pode falar de mandioca sem citar o butiá ou de butiá sem falar da mandioca.



Figura 25- Preparação do solo para a roça de mandioca

Foto: Alenir Souza



Os moradores comentam que tinham muita terra, e que arrancavam os butiazeiros, porque onde tinha butiazeiro a terra era boa para plantar. Normalmente escolhiam uma malha de butiazeiros pequenos, que não se aproveitava muito a palha, e faziam roça de mandioca, mas plantavam também o milho, o feijão, a melancia e o amendoim, às vezes em sistema de consórcio. O sistema de consórcio consiste em plantar duas ou mais espécies perto uma das outras, aproveitando melhor o solo. Esses produtos eram para consumo próprio, podendo às vezes, ocorrer à troca.

“A gente levava o milho para moer no Mirim, no seu Odilon Prata. A gente nunca arrancava todo os butiazeiros, porque a gente tirava a palha, era nossa fonte de renda”. **Teresa Ribeiro**

A época do plantio da mandioca é no mês de setembro/outubro. Prepara-se a rama, que é uma parte do caule da planta adulta, em pedacinhos de cinco centímetros, observando os “olhinhos”, que irão brotar. Alguns moradores mais antigos dizem que é bom observar a lua nova de agosto e tem até um ditado:

***Em agosto, lua nova trovejada, sete luas molhadas.*** Significa que a época do plantio terá chuva.

Para o plantio, colocam as ramas com “quatro olhinhos”, e fazem uma covinha rasa de uns quatro centímetros de profundidade, com uma enxada ou com uma *riscadeira* (arado), atrelada no boi, que segundo os moradores, deixava tudo certinho e ficava melhor para carpir e caminhar. Enterravam-se as ramas com os pés.

A colheita ocorre dentro de um ano, ou dois anos, quando a terra não é muito boa. Parte das ramas é guardada para a próxima roça, podendo ocorrer trocas de ramas entre vizinhos ou parentes, e a outra parte é dada para o gado. Aqui temos um sistema de trocas que intensifica os laços comunitários dos Areais, além de possibilitar a variedade de espécies de mandioca. Segundo Pinto (2010, p.30), as espécies mais plantadas são franciscal, torta, branca e amarelinha, mas há mais de 32 espécies. Essas são mais cultivadas pela boa adaptação ao manejo e pelo processamento no engenho. Aqui podemos destacar a importância da diversidade genética na agricultura

tradicional, que emerge quando o produtor mantém uma diversidade de variedades de cultivares em seu roçado. Manuela Carneiro da Cunha (2012) comenta que a Revolução Verde levou à industrialização da agricultura, a homogeneização de cultivares, com o uso intenso de fertilizantes e defensivos agrícolas, ficando retida nos grandes laboratórios, a capacidade de fornecer sementes e agricultares em geral. Ao passo que nas comunidades tradicionais, através das trocas de sementes, os agricultores conseguem mais variedades do que nos laboratórios científicos, e em menos tempo. Um exemplo que ela cita é em Laos, país asiático, onde os agricultores conseguiram 114 variedades de arroz em nove anos, um número muito superior aos dos laboratórios bioindustriais.

Quanto à colheita, primeiramente vamos relatar como ocorria esse processo antigamente, segundo as informações dos moradores.

Depois de colhida, a mandioca era levada com carro de boi até o engenho, para tirar a casca, raspada na faca, para depois passar pelo *sevador*, movido a boi, que ralava tudo e deixava como uma massa. Essa massa é colocada dentro de *tipitis*, um balaio ovalado feito de bambu com tampa, que ia para uma prensa, com um fuso, (parafuso de madeira que faz pressão na prensa) que espreme toda a água, até o ponto de secar. Deixava descansar por dois dias para depois colocar num cocho de madeira para esfarelar com as mãos e numa peneira, também feita de bambu, iniciava a peneiração, tirando as partes mais grossas, a fim de obter uma farinha fininha e bonita. Os farelos obtidos pela peneiração eram chamados de “*caroeira*”, eram secados ao sol e oferecido aos porcos e galinhas, numa gamela de madeira, como ração. Para facilitar a digestão dos bichos, colocavam água para amolecer a *caroeira*, fazendo uma papa. A massa peneirada é colocada num forno para ser torrada, o boi ficava girando uma pequena pá, que revolve a farinha. Depois de pronta, era embalada em sacos de 50 kg, podendo ser comercializada. Grande parte da produção era para consumo próprio. Observamos que, as trocas de ramas, de farinha, ocorrem no interior da comunidade, na família. Diferente do butiá, que conecta a comunidade com outros caminhos.



Figura 26- Rama de mandioca com os "olinhos"

Foto: Teresa Ribeiro



Figura 27- Peças do engenho desativado do Seu Santilino, no Arroio  
Foto: Alenir Souza



Figura 28- Carro de boi do seu Santilino Foto: Alenir Souza



Figura 29 - Balaios feitos de cipó

Foto: Alenir Souza

Observamos aqui a importância do boi para a comunidade, era a força motriz do engenho, como também o meio de transporte. Muitos caminhos utilizados por estes carros de bois permanecem até hoje, como o caminho dos Farias ou o caminho dos Martins.



Figura 30- Caminho dos Martins, na Ribanceira

Passa em frente da Acordi e leva até o Areal. Foto: Alenir Souza

Em agosto desse ano, 2017, fui até o Arroio visitar o engenho do seu Ailton e da dona Irene, e tive uma grande surpresa. Hoje em dia é tudo automatizado, e as máquinas são dispostas de acordo com a produção. A mandioca entra no engenho por um ralador, sobe uma esteira até uma prensa hidráulica (recém adquirida), passa por uma espécie de caixas de madeiras, com roldanas e correntes, vai para uma espécie de forno aberto e por último o depósito para armazenar a produção.

A minha frustração veio pelo fato de achar que aqui encontraria ainda o engenho das minhas recordações de infância, quando saía de Florianópolis e ia até Imbituba, na época da farinhada, normalmente nas férias de julho. Lembro que as pessoas sentavam nos banquinhos de madeira ou nas esteiras de peri para raspar a mandioca, envolvidos em histórias de *aparências*. Um boi andando em volta do forno, bijuquentinho saindo, doce ou salgado, rosca de polvilho, bijajica... Lembro que sempre pensava no boi, como ele não ficava tonto. Lembro dos tipitis, colocados um sobre o outro e sendo prensados. Tudo era de madeira, e o ambiente tinha um aroma específico, gostoso e acolhedor. Achei que teria essa sensação aqui novamente...

Fotos do engenho do seu Ailton, no Arroio



Figura 31- Ralador

Foto: Alenir Souza



Figura 32- Esteira que leva para prensa Foto: Alenir Souza



Figura 33- Seu Ailton e Dona Irene ao lado da prensa

Foto: Alenir Souza





Figura 34- Forno Foto: Alenir Souza



Figura 35- Maquinário do engenho Foto: Alenir Souza



Figura 36- Maquinário do engenho Foto: Alenir Souza



Figura 37- Depósito Foto: Alenir Souza

Observo que as histórias de *aparências* nunca acontecem nos engenhos ou nas roças de mandioca, e sim nos caminhos, como essa contada por dona Irene.

“O boitatá vinha aquele fogo ao redor da porta e a vó dizia é o boitatá. Daí o que ela fazia. Ela botava o balaio embaixo do braço mais o avô, e vinha caminhando pra cá. Ali bem perto, onde o Antônio morava ali, o fogo saía ali, e a gente vinha pro lado de cá na estrada e ele acompanhava. O avô na frente, e a vó segurava na minha mão e dizia: \_ Não olha pra trás. Mandava fazer figa e botar a língua no seu da boca. A gente ia caminhando, caminhando. Quando chegava lá na frente, desaparecia. A gente vinha de raspar mandioca, a gente fazia serão até a meia noite, e naquele tempo era só na luz de *pomboca*, e enquanto a gente não raspava aquilo tudo e juntava a raspa pra galinha, a gente não vinha. A vó com o balaio embaixo do braço e o vó na frente, voltando pra casa. Isso era toda noite. Não era um fogo vermelho, era um fogo amarelo, e se a gente olhasse pra ele, ele jogava fogo em cima, não te queimava, mas ele soltava fogo.” **Irene Borges Machado, 49 anos, moradora do Arroio em Imbituba**

A mandioca, juntamente com a pesca foi até os anos 70, a base econômica da comunidade dos Areais. A farinha até hoje ocupa lugar de destaque na região, e permanece como uma das principais atividades para complementação da renda familiar. A farinha não está apenas no plano econômico na vida dessas pessoas, ela tem um valor simbólico, cultural, está ligada a memória afetiva dos moradores. A farinhada envolve homens, mulheres e crianças na produção. As pessoas que não possuem engenho levam sua produção para *forneare* nos engenhos dos vizinhos, e pagam o uso do maquinário com uma parte da produção.

Hoje em dia há poucos engenhos em funcionamento, mas antigamente o número era bem significativo, como percebemos no depoimento abaixo:

“Meu pai era da Penha, aí o pai dele veio comprar terreno pros filhos aqui na Ribanceira. Ai comprou um terreno pro meu pai, pro João Martins, meu pai era o Chico Martins, pro Manoel Martins, pro Estevão Martins. Ele comprou terreno pra esses quatro filhos. Ai veio embora pra ali, os filhos foram casando... Meu pai tinha um terreno grande, lá perto da *Lomba*. Ai o Estevão Martins casou, João também. Os filhos tão pela Imbituba tudo... A nossa terra ficou com a CODISC, eles indenizaram. Nós plantávamos lá no campo e morávamos tudo lá embaixo na praia (praia do Porto), eles tiraram a gente tudo aqui pra cima (Divinéia). Deram dinheiro pra comprar uma casa, mas era uma mixaria. Ali, onde é a ACORDI, era do meu pai, meu pai tinha um terreno grande ali e outro lá embaixo, porque ele tinha comprado dos irmãos. O João Ezequiel e meu pai, o Antulino Estevão, o Otávio Estevão, o Francelino Laguna, que era cunhado do meu pai, morava ali, pra cima da praia D’água. O meu padrinho, o Manoel Francelino... Tudo tinha engenho, era uns dez engenhos de farinha. Hoje tem só o do Adílio.” **Joaquim Francisco Martins, 93 anos, morador da Divinéia em Imbituba.**

Os engenhos de farinha remontam ao ano de 1796, com a chegada de imigrantes açorianos na região, que já conheciam a tecnologia para moagem do trigo. Essa prática foi passada de geração em geração. Os engenhos eram construídos próximos aos caminhos, a fim de facilitar a troca e a comercialização da produção. Esses caminhos também propiciavam o acesso à lenha, que era fundamental na produção de farinha.

Podemos observar nas entrevistas o carinho com que as pessoas falam desses caminhos, pois eles estão envoltos de histórias dessa comunidade, eles são mais do que conectar pessoas, lugares e recursos naturais eles possuem a sua própria história, adquirindo um papel fundamental na forma de organização social e de trabalho dessa comunidade, ou seja, criaram um vínculo com a identidade cultural e territorial dos Areais da Ribanceira.

Há vários caminhos, todos conhecidos e identificados por parte da comunidade, e a nomenclatura revela a forte referência de localização sócio-espacial, geográfica e cultural compartilhada pelos moradores. Alguns caminhos sofreram transformações, alterações nos percursos e até no nome, mas continuam mantendo a relação de aproximação social e cultural entre as pessoas. Podemos citar o caminho dos Martins, dos Farias, da Lomba Pelada, do Areal, da Ribanceira, do Butiazeirão, do Cardemão, agora conhecido como caminho dos Sem Terra.

“O Areal Estrondo é uma faixa de *combro* de areias, de dunas, como se diz hoje. E foi tirada muita areia de lá, estragando tudo. O Areal é um caminho que leva do Arroio para a praia da Ribanceira. Os pescadores que passavam por lá à noite viam e também ouviam muitas coisas, porque naquele tempo não tinha energia elétrica, era tudo escuridão. Aparecia boitatá, bruxa... Dizem que as areias do Areal Estrondo são encantadas porque o chão se abria depois de um estrondo e engolia as pessoas, que só voltavam depois de sete anos... algumas voltavam ricas.” **Osmar Isidio, 64 anos, morador da Ribanceira, em Imbituba.**

“Tem uma fonte que várias pessoas lavavam roupa. A minha mãe ia lá quando era solteira, a dona Itelvina, que é madrinha da Teresinha, minha comadre e outras mulheres. Iam lavar roupa naquele lugarzinho ali. Na hora que chegavam lá, meio dia, uma hora, quem passava por lá via uma santa passando na fonte. A fonte tem um buraco com os “*lavadô*” e as mulheres tudo assim (mostra a mão fazendo fila) e viam a santinha andar na água. Passava pra lá, passava de volta. Quando nós íamos lá brincar, quando chegávamos perto da fonte. Ó a santinha tá aí ó. Tá ali, toda de branco. Aí nos chegávamos assustados e dizia, ó mãe, a santinha estava lá perto da fonte. E ela aparece dentro da água lá, e ninguém nunca perguntou por que, nunca ninguém. Por que, né? Vão falar o quê? O que está avisando, é... Demais. Se tá avisando alguma coisa. Não sei... Ninguém nunca chegou pra

perguntar alguma coisa. Tinham medo de perguntar, se fosse uma pessoa iam perguntar. E foi isso aí.

Quem vai pra roça lá, lá é o morro do Pacheco, tem uma fonte até hoje ainda. Naquele tempo tinha era um tubo passava por dentro d' água e lá aparecia uma velinha acesa assim ó. Eu vi, o falecido meu pai via, todo o pessoal que morava naquela rua ali viu aquela luzinha acesa naquele lugarzinho ali. Não se sabe se tinha morrido alguém que estava pedindo vela, não sei. Como uma vela acesa na escuridão no meio do nada? Hoje em dia se passar lá não vê nada. E até ontem, eu passei ali e estava me lembrando, quantas vezes eu vi a luzinha aqui. É muito estranho, né? ...Pode ser por causa da escuridão.” **José Antônio Inácio, 60 anos, morador de Nova Brasília em Imbituba**



Figura 38- Areal Estrondo e o Vento NE

Foto: Alenir Souza

Aqui tem um caminho que saia na praia, passava carreta, cavalo... Vê aqui tem um caminho de carro de boi, que era o principal, essa estrada aqui, era um caminho de carro de boi... Me lembro bem, nós íamos pra escola, a escola ficava uns 4 Km daqui. Lá, onde? Perto do tio Bento. O tio Bento não morou lá perto da faixa (BR-101)? A escola é lá. Me lembro bem, que nós vinha. Olha *soltavam* a gente ao meio dia, no verão. Aquele caminho tinha areia quente, que nós saltava por dentro do mato. Nós não tínhamos calçados, nem nada... Naquele tempo era brabo... Fome, areia quente, não podia calçar um chinelo, não tinha “esse” (esfrega o indicador no polegar) pra comprar. Hoje, hoje, eu vou dizer pra ti, a vida é um paraíso...

Nós saímos daqui, com ovo de galinha e camarão pra vender em Imbituba. De pé, ia pelo caminho, pelo Areal e pegava a praia até a Ribanceira. Nós éramos pequenos... Me lembro da estação de trem, nós íamos para Laguna de trem... para Criciúma. Então, tinha o quê? Uns 100 moradores... Imbituba aumentou muito”.  
**Santilino Basileu da Rosa, 78 anos, morador do Arroio em Imbituba.**

Ingold (2012, p.28) nos propõe vermos o mundo de uma maneira diferente, de vermos a vida como movimento, de ver essas *aparências* e ouvir o que elas têm a nos dizer, isto é, uma outra maneira de perceber e imaginar o mundo, uma outra maneira de ser e saber, um saber que depende do ver, o saber ver. Tal sintonia envolve uma educação da atenção, que implica em estabelecer uma relação de comunhão, de afeto e de empatia com esses seres. Ele nos leva a pensar a imaginação de uma maneira mais adequada, mais equilibrada e até mais religiosa, sem negá-la em sua existência ou separá-la do mundo. Devemos ter uma percepção do ambiente, levando em conta todos os caminhos, deslocamentos, seres humanos, animais, *aparências*, butiás, mandiocas, vento e areia. As relações entre esses mundos

são baseadas no movimento, na troca mútua, na negociação entre todos os modos de vida dessa malha relacional.

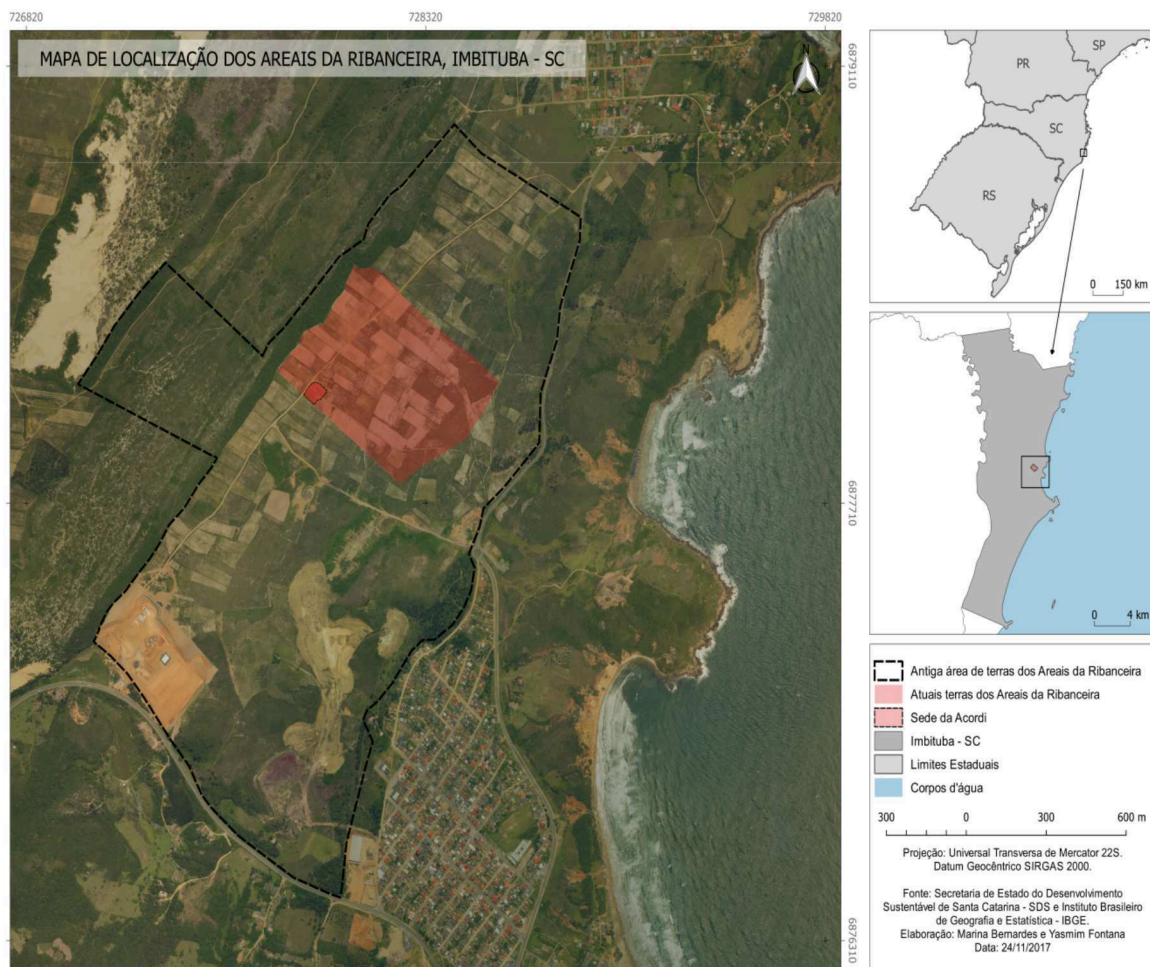


Figura 11- Mapa de localização dos Arais



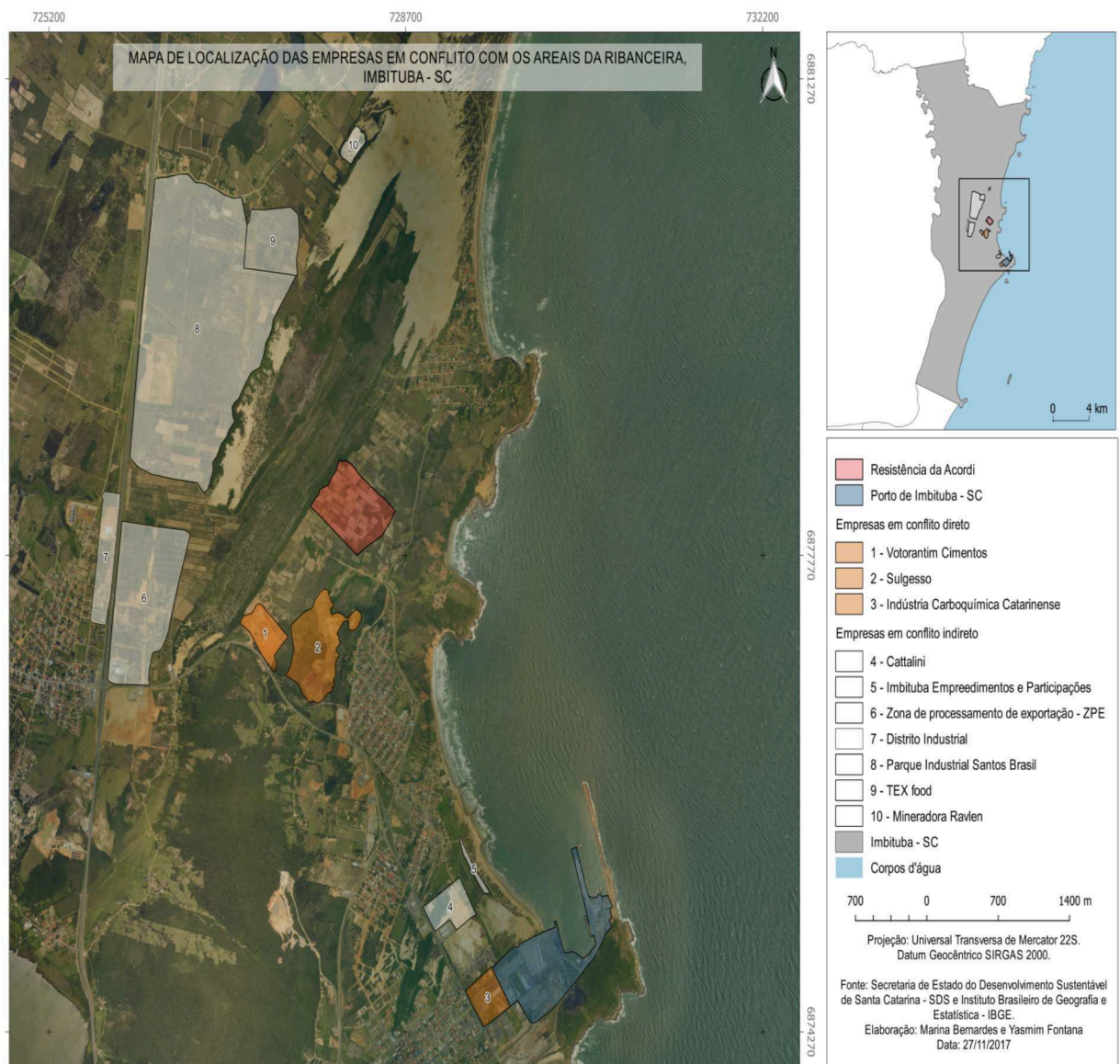


Figura 40- Mapa de localização das empresas em conflito com os Areais da Ribanceira

Para ver os mapas na escala correta ver o trabalho de BERNARDES, Marina Pinho. Areais da Ribanceira em Disputa: comunidade tradicional e o desenvolvimento recente de Imbituba - TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

Na fala das pessoas notamos que muitos caminhos foram fechados, isso ocorreu principalmente em decorrência dos conflitos com empresas locais e órgãos do governo. Como o caminho do Areal próximo a Ribanceira, fechado pela empresa Engessul ou pela empresa Santos Brasil na roça do seu Ailton, no Arroio. Mas ao fechar os caminhos, encerram-se também os momentos das práticas, das experiências de vida, da compreensão dos saberes passados de geração em geração, saberes das formas do uso da terra, do manejo do cipó, do butiá, do bambu, das roças. Pois, “as vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares” (Ingold, 2015, p.219). Ou seja, a existência humana desdobra-se não em lugares, mas ao longo de caminhos, onde cada habitante deixa sua trilha, estando na trilha, estará “sempre em algum lugar no caminho para algum outro lugar.” (Ingold, 2015, p.220).

E seguindo os caminhos através das paisagens dos Arais é possível observar como a vegetação de restinga se mantém preservada, graças à agricultura itinerante da região, que soube sabiamente lidar com o solo arenoso, usando a técnica do pousio e, sobretudo respeitando e interagindo num mundo de multiespécies. Isso se deu principalmente com o uso da terra através de um sistema comunal.

Segundo Pinto (2010, p.21),

“o uso do território é comunal e a distribuição das áreas de cada agricultor é definida através de acordos comunitários. Esta forma de repartição e uso comunal do território é realizada já há décadas na localidade, quando o terreno foi desapropriado dos antigos donos e passou a pertencer a União. Mesmo antes das desapropriações, o arrendamento da terra por parte da produção agrícola do arrendatário era prática comum que propiciava um número maior de indivíduos subsistindo da agricultura em relação ao

número de indivíduos donos das terras onde se realizava agricultura.”

A área comunal de plantio é chamada de campo pelos moradores, e tornou-se símbolo da luta pela garantia do uso da terra, fortalecendo ainda mais a união entre os locais, que são ligados não só por laços de parentesco, mas principalmente pela relação de pertencimento a este território.

### 3.3- A Pesca

“A história do Areal Estrondo, os pescadores que passavam, ali era caminho para pesca, meia-noite, uma hora. Quando eles passavam por ali, ouviam choro de criança, e se apavoravam, cachorro latia, boi mugia, cavalo relinchava, galo cantava, e ali é deserto. Várias coisas aconteciam ali, no Areal Estrondo. Os pescadores que passavam de madrugada, cada um contava um caso diferente, da travessia por ali. Hoje, eles começaram a mexer , a tirar areia, e trancaram e não mexeram mais. Sobre o Areal ,ele é Estrondo, porque dizem que no meio do Areal, uma mulher sumiu, onde têm a forma de um funil, que é encantado. E esse encantado corresponde a essas coisas que acontecem, sobre canta galo, chora criança, berra gado, cabrito, vários casos que acontecem. Acontecia muito naquele tempo, porque hoje em dia ninguém mais passou por lá, não tem como mais saber. Antes era escuridão, hoje têm energia, tem tudo. Não tem mais como dizer se eu for lá amanhã e vai acontecer isso...” **José Antônio Inácio, 60 anos, morador de Nova Brasília em Imbituba**

O município de Imbituba foi uma importante armação de baleia, sendo a produção de óleo o principal objetivo dessa atividade, que era utilizado para iluminação pública, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, como também na construção civil, pois misturado ao barro, resultava numa argamassa de resistência igual ou superior à do cimento, sendo empregada na construção de igrejas, fortalezas e sobrados. A pesca deste cetáceo foi proibida por acordos internacionais e em Imbituba, a última baleia morta foi no ano de 1973, segundo o projeto Baleia Franca.

No final do mês de outubro de 2017, fui novamente a Imbituba, dessa vez com a intenção de buscar narrativas sobre a pesca da baleia. Em Nova Brasília, dona Teresa já aguardava e fez o seguinte relato:

“Viver da agricultura e da pesca nunca foi fácil... meu vô ia pro “*mar*” do Mirim, às três da tarde e chegava, de madrugada, às vezes só com uns carazinhos pequenos. Algumas vezes saia de madrugada, por que tem peixe que aparece mais pela manhã. A gente também passava a *coca* para arrastar camarão, mas também pegava bem pouco. Como a gente não tinha geladeira, a gente secava o camarão no sol e salgava. Comia com pirão... macarrão, só fui conhecer depois de casada... No caminho para Imbituba, a gente passava pela praia do Porto, bem em frente ao rancho das baleias, tinha um cheiro horrível, aquelas costelas enormes, e também um cheiro de fritura. Minha tia Ana dizia que eles faziam óleo”. **Teresa Ribeiro**

Deixei Nova Brasília e fui para a Divinéia, encontrar com seu Pilício. Achei que iria encontrar ele em sua cadeira de barbeiro tirando um cochilo com seu gato no colo, mas que nada. Estava trabalhando, e assim que o cliente saiu, começamos a conversar e de repente... Outro cliente. Pergunto se ele não se incomoda de seu Pilício e eu conversarmos sobre a pesca da Baleia. Ele responde que quer participar e que seu avô foi um grande matador de baleia. Não podia ficar melhor! Em meio à tesoura, pente, máquina e cabelos a conversa desenrolou, onde obtive as narrativas abaixo.

“Eu comi carne de baleia preparada pelas mãos da mulher do Valdemar Nunes e pela mulher do Bebetto. E uma vez bati uma foto, dos padres *capuchinhos*, eles estavam ali e bateram uma foto do lado dela (baleia). Nós tínhamos essa foto, mas desapareceu. O rancho ficava lá na praia, eles puxavam lá. O falecido Braulino, a turma, tiravam a carne e o toucinho. Eu tinha um compadre que arpoava baleia, quando ela chegava no lado da lancha, ele tocava o arpão, o falecido Vadinho Pitigliani. Eles derretiam ali, faziam óleo. Trinta tonéis, vinte, dependia do tamanho da baleia, depois

exportavam, tinha um valor medonho na época...A gente passava na praia tinha um cheiro deles derretendo o toucinho. Era um cheiro muito forte...uma vez uma baleia virou uma lancha... Das baleias eles aproveitavam a barbatana para fazer pente e agulha de fazer rede, lá mesmo no barracão, quem fazia era o José Pires...A carne dela é de dois tipos, tem a vermelha, que diziam que era carne de boi, e a branca, que diziam que era carne de porco...Mataram muita baleia, aqui, em Garopaba. Matavam três, quatro por ano... Algumas baleadas ainda escapavam e depois davam nos costões estragadas. No costão da Ribanceira deu uma... A gente colocava o óleo no vinho, como remédio para purificar o sangue. Quando aparecia sarna, era só passar o óleo de baleia que sumia tudo.” **Seu Pilício**

“O maior matador de baleia era o meu avô, o Laudelino. Trabalhava com o Nico, homens de grande coragem. Sofreram um naufrágio, a lancha deles falhou o motor, eles viram o temporal, mas não deu pra alcançar a ilha. Eu me mudei pra Porto Alegre e uma vez eu vim passar as férias aqui e vi na praia da Vila uma baleia, ela estava sendo cortada em pedaços grandes. Ai eles amarravam um cabo e puxavam com um jipe na praia. Os pedaços colocavam na caminhonete e levavam para o barracão das baleias, que ficava na Aguada, e agora é o museu da baleia franca. Ali eles derretiam, tinham caldeira, tinham tudo ali para derreter. Tinha um cheiro horrível. Nós morávamos lá na costa desse morro aqui, da Ribanceira, e lá nós sentíamos o cheiro...A baleia é um animal manso, eles iam no lado com a canoa, iam em três, quatro. E ai, um ficava pra ligar o estopim do arpão, o arpão é tipo uma bomba. Um ficava na canoa com o estopim na mão e o outro subia em cima da baleia e cravava o arpão e o outro ligava o estopim, e ele vinha e explodia a baleia... uma vez uma baleia deu uma ‘asada’ num que não sei como não matou...mas na maioria das vezes era um bicho dócil... eles traziam ela pra praia rebocada, era um animal pesado,

cinquenta toneladas. Levavam um, dois dias puxando, esperaram a maré baixar, e iam pra cima cortar ela. Cortar os pedaços de toucinho para trazer pra terra. A gordura chegava a mais de meio metro. A carne não se aproveitava, é uma carne vermelha, porque demoravam muito puxando. Nas costas das praias tinham os vigias de baleia, ficavam dia e noite pra localizar e avisar quando aparecia uma. O dono do barracão e do barco, era o falecido Nico, que morreu num temporal com ondas de quatro metros, a canoa deles virou e o falecido Nico deu lá na praia de Florianópolis, em cima de dois remos. Achavam que ele tinha morrido na quebra do mar, pois já fazia uma semana e não encontravam o corpo. As embarcações não foram atrás, ele abraçou dois remos e morreu de fraqueza quando chegou na praia.” **Afonso Manoel Freitas, 73 anos, morador da Vila Nova em Imbituba**

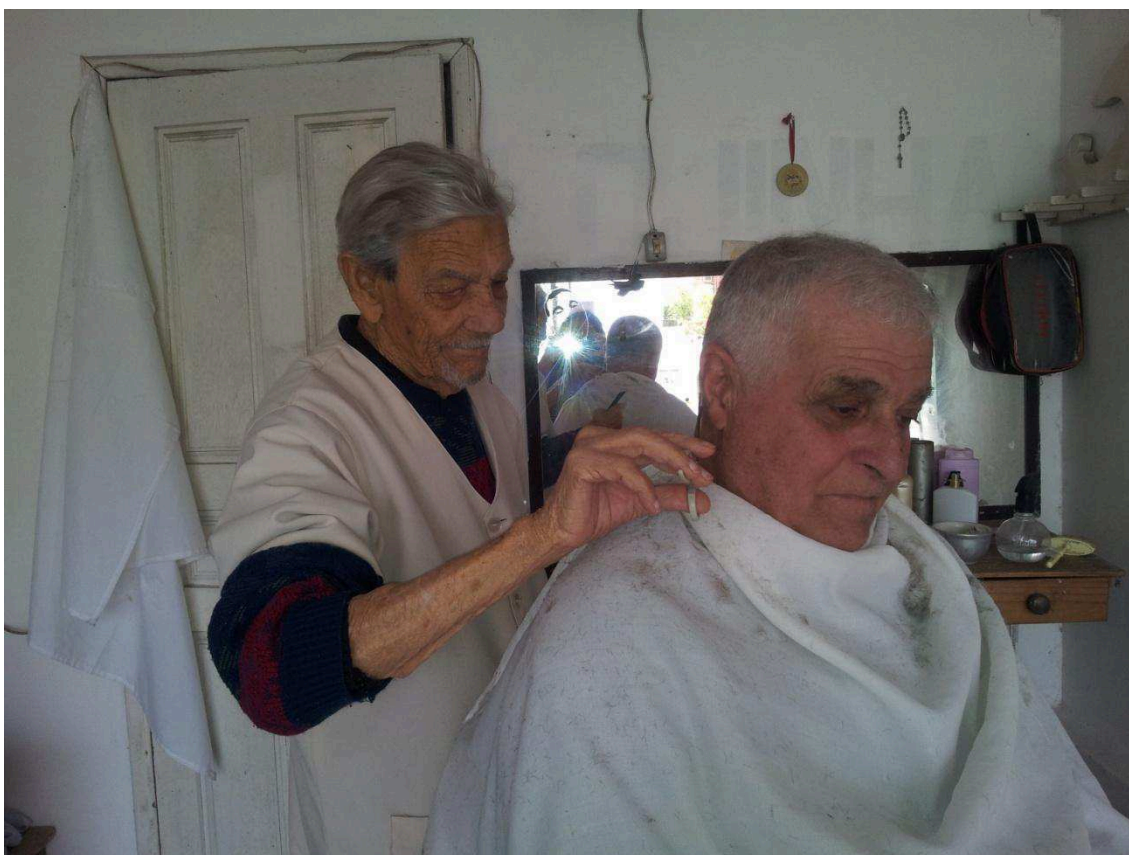


Figura 41- Seu Pilício em ação

Foto: Alenir Souza

Segundo os moradores, a pesca, junto com a agricultura, eram suas principais atividades econômicas. A pesca era realizada por tarrafa no mar e nas lagoas, que alguns moradores chamam de mar (lagoa do Mirim, da Ibiraquera), sendo que nos rios utilizavam uma armadilha feita de bambu e cipó, o covó, para pegar os peixes, que entravam e ficavam presos. Também coletavam siri e marisco. Ter uma canoa custava caro, às vezes uma canoa tinha mais de um dono, era comprada de “meia”, e assim como ocorria o uso comunal das terras, também ocorria o uso comum da canoa, quem não tinha pedia emprestado.

Conforme Barbosa (2011, p.100), a pesca conciliada com a agricultura é praticada o ano todo. Antigamente e ainda hoje, muitos trabalham na terra do amanhecer ao entardecer e no fim da tarde se dedicam a pesca. Outros se dedicam a agricultura até terminar o plantio da mandioca e depois se aventuram no mar para a pesca durante o verão.

“Assim como as terras para plantar são essenciais para a sobrevivência daqueles que vivem da agricultura e da produção de farinha, a Praia do Porto, os ranchos de pescadores e o mar são essenciais para aqueles que vivem da pesca. É na praia que ocorrem as pescas de arrastão durante o verão e é próximo dela que praticam outras atividades pesqueiras, como por exemplo, o reparo das redes de pesca e a manutenção dos seus barcos. Atividades essas, sempre praticadas junto a suas famílias ou com outros pescadores locais, estabelecendo acordos entre eles na divisão do trabalho e na repartição do pescado.” (Relatório parcial para subsidiar a identificação e delimitação do território da Comunidade Tradicional Dos Areais Da Ribanceira – SC, 2017.)



A pesca da tainha e da anchova, que ocorrem no outono, configura o período de maior atividade para a comunidade, bem como para o município como um todo, já que essas espécies têm grande procura no mercado e são pescadas em quantidades elevadas.

“A dona Maria Quadra me contou que uma vez, ela e a filha foram pegar siri na *boca da noite*, e atravessaram o areal. Quando elas já estavam com o balaio quase cheio de siri, apareceu o boitatá em forma de uma galinha gigante, que vinha pelo areal. O que será aquilo? E quando viram era o boitatá, que desceu sobre o balaio de siri. Elas saíram correndo com o boitatá lançando fogo sobre elas.” **Itelvina Borges de Souza, 85 anos, moradora do Mirim em Imbituba.**

“Essa é uma história do meio do mar. Estava pescando meu avô e um vizinho dele. Olharam pro morro, fogo. E aquele fogo, sabiam que era boitatá e ele como muito debochador, fez o quê? Começou a debochar, boitatá *sai de lá e vem pra cá*. Boitatá, *sai de lá e vem pra cá*. Boitatá, *sai de lá e vem pra cá*. Quando terminou de falar, não levou o quê? Dois minutos? Boitatá veio, era um gavião grandão cheio de fogo e começou a jogar fogo em cima da canoa, dos dois lados, soltando, e eles apavorados. E corre *prum* lado e corre pro outro, jogavam água e não adiantava. Aí, quando meu avô viu que não tinha mais jeito, fez com o dedo três cruces, apagou e foi subindo, subindo e sumiu.

“Lá na lagoa, de uns anos pra cá, sabes onde é a lagoa? A lagoa da Ibiraquera. Então o homem tava pescando, e não tinha levado fósforo, isqueiro... Aí ele ia embora pra fumar, e de repente apareceu na praia um fogo “fato”, queimando. Ele arriou a tarrafa e o balaio. Ah, um fogo ali, eu vou lá acender o cigarro e levou... Mas aquilo se levantou pra cima e saiu voando e ele quase morreu... De medo... Tava em forma de “fato”, era um “batatá”... Não se pode “intocar” o “batatá”. **Pedro Joaquim Borges, 77 anos, morador de Nova Brasília em Imbituba**

“A pessoa era capaz de morrer mesmo. Como a gente não podia ter medo? A gente tinha que ter medo mesmo! A vida era aquela, e a gente levava, a gente tinha medo, mas enfrentava.” **Teresa Ribeiro, 58 anos, moradora de Nova Brasília em Imbituba**

Essas histórias são relatadas, normalmente como experiências coletivas, onde duas ou mais pessoas foram atacadas ou presenciaram o evento. Evento este que mistura mundos, causando medo e respeito nas pessoas, que buscam na fé, a defesa para os arremedos das *aparências*.

As *aparências* estão relacionadas ao externo, aos espaços abertos, ocorrendo no transporte da palha de butiá, no caminho para pesca, na praia e, sobretudo no Areal. Elas fazem parte do cotidiano das pessoas, e podemos dizer que possuem uma estreita ligação com o conhecimento do lugar, e que através das narrativas sobre *aparências*, descobrimos um passado de luta de um povo, luta pela sobrevivência, luta por suas terras.

“Eu fui tarrafejar com um cara que tinha dito que isso era besteira minha. Fomos lá na praia da Ribanceira, lá tem um *combro* alto, que eles trepam sempre nele. Daí nós fomos embora, fomos embora tarrafeando... Daqui a pouco, lá naquela ilha que tem na frente da barra, ali, saiu aquele foguete, veio, veio, veio, pousou em cima do morro. Ai o cara já me empurrou, vamos embora, vamos embora. Ai fomos, recolhemos as tarrafas e viemos embora. Ele vinha na minha frente sempre, eu olhei pra trás, e aquilo ficou clareando aquilo lá. Ai ele disse, pois é Pilício, pois agora eu acredito que existe isso mesmo. Ah, ficasse acreditando.

Depois outro senhor foi pro mar pescar, tarrafejar camarão levou um susto na praia da Ribanceira, que se jogou atrás dos *combros*. Chegou na casa do meu pai de língua de fora, tinha visto um... Mas não sabia o que era.

Boitatá eu vi bem, eu cheguei na praia D'água e vi. Ah, ele vai me atacar. Vai me atacar. Eu fui descendo e ele foi descendo, e eu fui rezando, fui rezando e fui

embora. Naquela grama da praia clareou até na *quebra*. Digo:

\_ Barbaridade! E só olhava com o rabo dos olhos. Comecei a subir a ladeira e olhei pra trás e já estava *pequinhinho* lá. Aí eu disse: \_ Como é que pode? Ai eu disse pro Donga, que não acreditava. Eu fui na praia da Ribanceira, que estava dando umas corvinas, umas tainhas de tarrafa. Fomos, 11 horas, meia noite. Encontramos o bicho lá também, veio do meio do mar e pousou ali pertinho. O cara não quis mais nada me empurrou, ele era muito *cagão*, saltou na minha frente e ó...

Eu já vi roncar trovoadas por baixo dos *combros*, roncava que estremecia a terra e não tinha trovoadas nenhuma. Eles contavam que aparecia a mulher encantada lá, em cima do *combro*. Chegavam lá não tinha ninguém. Os meus primos viram e contavam isso assim. Roncava trovoadas direto, galo cantar e ninguém via nada.” **Joaquim Francisco Martins, 93 anos, morador da Divinéia em Imbituba.**

“O falecido pai também, foi pescar ali na lagoa, e o boitatá chegou bem na ponta da canoa e pousou. Meu pai rezou e remou forte e ele foi embora. Meu pai era forte, trabalhava aqui no Mato Areal, no campo. Ele pegava uma junta de boi e ia todo dia pra casa, e ele morava lá na Nova Brasília e trabalhava aqui, atravessava esses campos tudo a carro de boi. Ele tinha roça no Mato Areal, trabalhava lá. Ai ele contou pra nós, ele saiu da roça já era de noitinha. Chegou bem no meio do caminho, uma mulher toda de branco, ficou em pé na carreta do carro. Os bois se espantaram com aquilo ali, e ele caiu do carro. Os bois chegaram em casa na Nova Brasília só com as cangas no pescoço, o carro foi se quebrando no caminho. Ai, depois chegaram em casa, os bois já estavam acostumados a chegar em casa. Ficaram todos preocupados, cadê o pai? Ai foram procurar e saíram juntando os pedaços do carro de lá pra cá.”

**Ailton Frontino Machado, 57 anos morador do Arroio, em Imbituba.**

Podemos considerar que a mandioca é de uso comum, e, portanto do que é de dentro, ao passo que o butiá e a pesca, são do que é de fora, e, portanto sujeitas ao ataque das *aparências*.

De acordo com os moradores, as *aparências* deixaram de existir ou não há mais relatos de seus ataques, devido ao surgimento da luz elétrica, das fábricas, da especulação imobiliária que veio junto com o turismo. E as narrativas sobre as *aparências* trazem um poder explicativo sobre a relação da comunidade com o seu território, com a economia do lugar.

Essas narrativas nos levam a entender e interpretar o modo de vida dessa comunidade no passado interligando-os com o presente. Segundo Mombelli (2009, p.103), “a narrativa é um eterno processo de atualização e recepção, incorpora os sentimentos, a memória coletiva da comunidade, incorpora informações e experiências com outros moradores ou narradores.”

Almeida (2013, p.17) chama a conexão entre as experiências com entes sobrenaturais e o mundo da ontologia de encontro pragmático, onde esses entes lutam pelo reconhecimento, ao mesmo tempo em que se constituem como entes, pois sua existência se dá como processo na interação de uns com outros. Existir deixa de ser um pressuposto dado por um coletivo, e passa a ter um caráter de resultado de uma interação problemática. Ele cita a proposta de Antônio Alves (2004), a Florestania, que consiste na extensão real da cidadania a animais, árvores e águas, bem como espíritos e outros entes que habitam nosso mundo, ou seja, estender a lógica de sujeito jurídico a todas essas entidades, atribuindo tutor e representante legal quando for o caso. Ou seja, temos aqui uma ontologia da percepção, onde mundos se formam pelo entrelaçamento entre as diferentes formas de vida e de *coisas*. Onde o mundo do uso comum entra em conflito com o mundo das indústrias e da política ambiental, que transformam em recurso natural os *Areais*.

## Considerações Finais

Neste trabalho busquei compreender os processos ontogenéticos através da análise antropológica das narrativas, de todas as práticas e caminhos que compõem os Areais da Ribanceira, de todos os mundos que se formam no cruzamento de fronteiras entre esses modos de fazer lugares. Ou seja, procurei entender o mundo que se apresenta por meio dessas conexões, buscando uma abordagem relacional com a antropologia da paisagem.

Cheguei à cidade de Imbituba à procura de histórias sobre *aparências* e através delas descobri o mundo do butiá, da mandioca, do engenho de farinha, da minha ancestralidade, da perda das terras e da luta por direitos das pessoas que me ensinaram muito mais do que *ver* os Areais com outro olhar, e sim sentir, um *ver-sentir* através das suas experiências narradas. Para esse *ver-sentir* é necessário “*educar nossa atenção*” para entender todo esse emaranhado de vidas e coisas, de ‘*nós*’ e movimentos, que não são necessariamente subordinados aos humanos.

Assim como os moradores dos Areais da Ribanceira perderam grande parte de suas terras, podemos dizer que as *aparências* também foram ‘expropriadas’ de seu mundo. Isso se dá quando o ambiente é destruído e junto todas as conexões de lugares e coisas também desaparecem. Destruição esta que afeta todos os mundos, e que vem através de empreendedores industriais e especuladores imobiliários, protegidos pelo Estado e sua política desenvolvimentista.

A polifonia dos movimentos e encontros dos mundos dos Areais se entrelaça também com esses projetos modernizadores e destruidores de um mundo de conexões e de um modo de vida relacionado ao uso comum da terra. Possuir as terras dos Areais significa dar continuidade às práticas dos ancestrais humanos e não-humanos, envolve trazer para o evento plantas, animais e coisas. E neste sentido que a retomada deve ser entendida: como um entrelaçamento entre diferentes, pois o mundo ganha forma e se torna visível a partir das performances e relações dos diferentes atores que o habitam.

As narrativas orais sobre as *aparências* analisadas como pertencentes a um mundo mais-que-humano, a um mundo de tradição, que o mundo científico tentou esconder, apagar, nos revelam um ambiente que se faz numa malha relacional, onde vivem seus moradores visíveis e invisíveis, onde se movimentam, aprendem, fazem e contribuem para manter esse 'lugar-mundo' chamado de Areais da Ribanceira, que por sua vez, atua em relação a esses outros mundos, da indústria, da expropriação e da emergência da sua luta política, pois a sua existência ocorre pelas relações com todos esses outros mundos ao longo do tempo.

## Referências Bibliográficas

**ALMEIDA**, Mauro W. Barbosa de. **Caipora e outros conflitos ontológicos**- Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan.-jun. p.7-28, 2013.

**ARAÚJO**, Wladimir Sena, **MOMBELLI**, Raquel & et alii - **Relatório parcial para subsidiar a identificação e delimitação do território da Comunidade Tradicional Dos Areais Da Ribanceira** – SC, 2017.

**BARBOSA**, Aline Miranda. **Agricultores e Pescadores dos Areais da Ribanceira, Imbituba- Santa Catarina: Uso Comum da Terra e Território Tradicional**. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

**BERNARDES**, Marina Pinho. **Areais da Ribanceira em Disputa: comunidade tradicional e o desenvolvimento recente de Imbituba** - TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

**BRANDÃO**, Carlos Rodrigues & **Borges** Maristela Correa. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun., 2014.

**CAMPOS**, Nazareno José. **As Diferentes Formas De Uso Comum Da Terra No Brasil**. Artigo desenvolvido a partir da Tese intitulada *Terras de Uso Comum no Brasil: um estudo de suas diferentes formas*. São Paulo, FFLCH/USP, 2000, 258 p.

\_\_\_\_\_, Nazareno José. **Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana Na ilha de Santa Catarina**- Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1989.

**CARDOSO**, Thiago Mota. **Paisagens em transe: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal**- Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016.

\_\_\_\_\_, Thiago Mota. **Por Uma Antropologia Imersa Na Vida**. Artigo desenvolvido a partir da análise do livro *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* de Tim Ingold. São Paulo, Ed. Vozes, 2015.

**CERTEAU**, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes do fazer**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994.

**CHIESA**, Gustavo Ruiz. **À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente**- Revista de Antropologia. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 2: 410-435 | USP, 2017.

**CUNHA**, Manuela Carneiro da. **Questões Suscitadas Pelo Conhecimento Tradicional**- Revista De Antropologia, São Paulo, USP, 2012, V. 55 Nº 1.

\_\_\_\_\_, Manuela Carneiro da & **ALMEIDA**, Mauro W. B. - **Territórios de Ocupação Tradicional- Quem são as Populações Tradicionais**. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicionalis>. 2010.

**DEVOS**, Rafael Victorino. **Etnografia Visual e Narrativa Oral: Da Fabricação à Descoberta da Imagem**. Iluminuras, nº 71-Banco de Imagem e Efeitos Visuais-PPGAS/UFRGS, 2005.

**HALBWACHS**, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

**INGOLD**, Tim. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem**. In: Steil Carlos Alberto, Carvalho Isabel C. M., organizadores. *Cultura, percepção*



e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora. Terceiro Nome; 2012. p.15-29.

\_\_\_\_\_, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.** Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37: 25-44, 2012.

\_\_\_\_\_, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

**Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.** Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR/article/view/273/185>

**LIMA,** Ney Clara de. **Narrativas Oraís: Uma Poética da vida Social** - Ed.UnB, Brasília, 2003.

**MOMBELLI,** Raquel. **Visagens E Profecias: Ecos Da Territorialidade Quilombola-** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009.

\_\_\_\_\_, Raquel. **Territorialidade e direito tradicional da Comunidade dos Areais da Ribanceira,** Imbituba- SC- 35º Encontro Anual da ANPOCS- Caxambu, MG, 2011.

**PINTO,** Marina Ferreira Campos. **Manejo local de agrobiodiversidade: o dinamismo da conservação e geração de diversidade intra-específica de mandioca (Manihot esculenta Crantz. - Euphorbiaceae) cultivada por agricultores tradicionais dos Areias da Ribanceira, Imbituba- SC-** TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Biologia-2010.

**RIBEIRO**, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos - Colônia Z3, Pelotas: etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas.** Universidade de Pelotas, RS, 2012.

**SAMPAIO**, Leonardo Kumagai Antunes. **Etnobotânica e estrutura populacional do butiá, *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi (Arecaceae) na comunidade dos Areais da Ribanceira de Imbituba/SC-** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Florianópolis, 2011.

**LÉVI – STRAUSS**, Cláude. **As Estruturas Elementares de Parentesco.** Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1976.

**TSING**, Anna. **“Contaminated Diversity in ‘Slow Disturbance’: Potential Collaborators for a Liveable Earth,”** In: “Why Do We Value Diversity? Biocultural Diversity in a Global Context,” edited by Gary Martin, Diana Mincyte, and Ursula Münster, *RCC Perspectives* 2012, no. 9, 95–97

\_\_\_\_\_, Anna. **Margens Indomáveis: Cogumelos como Espécies Companheiras.** Tradução de Pedro Castelo Branco Silveira e Thiago Mota Cardoso. *Rev. Ilha.v.* 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015.

